

**COZINHA
OCUPAÇÃO
9 DE JULHO:
RESSIGNIFICAÇÃO
DE SI E
TRANSMUTAÇÃO
DA REALIDADE A
PARTIR DE UM
SONHO COLETIVO**

**NOTAS SOBRE TURISMO, O PROTAGONISMO DE UMA
OCUPAÇÃO E SUAS INTERDISCIPLINARIDADES**

MARTINA GONÇALVES LEMOS | ECA-USP

2022

**COZINHA
OCUPAÇÃO
9 DE JULHO:
RESSIGNIFICAÇÃO
DE SI E
TRANSMUTAÇÃO
DA REALIDADE A
PARTIR DE UM
SONHO COLETIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao **Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo** como requisito para obtenção do título de **Bacharel em Turismo**

Orientador: **Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles**
São Paulo, 2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Lemos, Martina Gonçalves

COZINHA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO: RESSIGNIFICAÇÃO DE SI E TRANSMUTAÇÃO DA REALIDADE A PARTIR DE UM SONHO COLETIVO: Notas sobre turismo, o protagonismo de uma ocupação e suas interdisciplinaridades / Martina Gonçalves Lemos; orientador, Reinaldo Miranda de Sá Teles. - São Paulo, 2022.

104 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

1. Turismo. 2. São Paulo. 3. Ocupação 9 de Julho. 4. MSTC. 5. Epistemologia do Turismo. I. Miranda de Sá Teles, Reinaldo. II. Título.

CDD 21.ed. - 910

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194



Fig.1

**COZINHA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO:
RESSIGNIFICAÇÃO DE SI E TRANSMUTAÇÃO DA
REALIDADE A PARTIR DE UM SONHO COLETIVO**

Notas sobre turismo, o protagonismo de uma
ocupação e suas interdisciplinaridades

MARTINA GONÇALVES LEMOS

Aprovada em 07/07/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles
Presidente da Banca
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Diego dos Santos Reis
Membro 1
Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Karina Oliveira Leitão
Membro 2
Universidade de São Paulo

COZINHA
OCUPAÇÃO
9 DE JULHO:
RESSIGNIFICAÇÃO
DE SI E
TRANSMUTAÇÃO
DA REALIDADE A
PARTIR DE UM
SONHO COLETIVO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao **Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo** como requisito para obtenção do título de **Bacharel em Turismo**

Orientador: **Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles**
São Paulo, 2022



À meu avô Davino (*in memoriam*),
por toda fartura.

Agradeço à mim mesma pelo desmedido esforço e confiança em esvaziar excessos, preencher vazios e nomear estrelas

Agradeço ao meu orientador Reinaldo Teles por toda a liberdade

Agradeço à Universidade de São Paulo por todas as oportunidades

Agradeço aos meus pais por todo alicerce

Agradeço à Karina G. Guedes por ter acreditado em mim desde o princípio

*“O importante não é a casa onde moramos.
Mas onde, em nós, a casa mora.”*

(Mia Couto)





*“Li algures que os gregos antigos não
escreviam necrológios, quando alguém morria
perguntavam apenas:
tinha paixão?”*

(Herberto Helder)

Algumas imagens traduzem o impronunciável. Sem sentimento nada seria possível. Mil poemas sobre o amor não valem um único gesto amoroso. Tenho uma fé inabalável na delicadeza. Eis aqui o altar que construí em devoção a toda revolução marginal, na intenção de não negociar o inegociável.

RESUMO

LEMOS, Martina Gonçalves. **COZINHA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO: RESSIGNIFICAÇÃO DE SI E TRANSMUTAÇÃO DA REALIDADE A PARTIR DE UM SONHO COLETIVO**. Notas sobre turismo, o protagonismo de uma ocupação e suas interdisciplinaridades. 2022. 104 f. Monografia (Bacharelado em Turismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Como turismóloga atenta às fraturas da cidade, a pesquisa em questão desenvolve-se a partir da construção de uma provocação a respeito do percurso epistemológico do Turismo e a necessidade de novos devires e serventias para o conceito disciplinar de Turismo que não estejam subordinados à lógica cartesiana, dialética, positivista, sistêmica, estruturalista e eurocêntrica do agenciamento. A pesquisa desenvolvida propõe-se responder a pergunta “é possível o Turismo se relacionar com uma ocupação por moradia?”. Para isso, descreve e analisa qualitativamente o projeto “Cozinha Ocupação 9 de Julho” (coordenado pelo MSTC - Movimento Sem Teto do Centro) e seus desdobramentos como uma iniciativa que gerou um incomum fluxo turístico no imóvel que consta no número 427 da Rua Álvaro de Carvalho, Bela Vista, Centro de São Paulo, Brasil.

Partindo dessa especificidade, a pesquisa em questão busca compreender o potencial da atividade turística dissociada do trade turístico enquanto reflete sobre o fenômeno turístico como substância de resignificação da cidade e seus sujeitos, além de descrever a relação da dimensão simbólica-espacial da Ocupação 9 de Julho com a cidade de São Paulo e sua potência criativa como resistência política e poética frente a vacância imobiliária e a extorsão da vida. Devido a ausência de quaisquer referências ao objeto de análise vinculado ao campo disciplinar do Turismo, tornou-se necessário a investigação do tema a partir da (i)limitação de subsídios teóricos, dos quais optou-se pelo uso de um aporte teórico interdisciplinar apoiado no Turismo, na Geografia Humanista e no Urbanismo vinculados ao método fenomenológico como ferramenta de leitura da realidade. Através de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo, conclui-se que é possível uma ocupação por moradia relacionar-se com o Turismo, desde que inaugurado(s) novo(s) sentido(s) do que se denomina turismo. A pesquisa, dentro de suas limitações, contribui para o entendimento do fenômeno turístico a partir de um lugar de não-mercado, fundado por uma episteme decolonial.

Palavras-chave: Turismo. São Paulo. Ocupação por moradia. Ocupação 9 de Julho. MSTC. Epistemologia do Turismo.

ABSTRACT

LEMOS, Martina Goncalves. **COZINHA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO: RE-SIGNIFICATION OF THE SELF AND TRANSMUTATION OF REALITY BASED ON A COLLECTIVE DREAM.** Notes on tourism, the protagonism of an squat and its interdisciplinarity. 2022. 104 p. Monograph (Bachelor Degree in Tourism) – School of Communications and Arts (ECA), University of São Paulo (USP), São Paulo, 2022.

As a tourismologist attentive to the fractures of the city, the research in question develops itself from the construction of a provocation regarding the epistemological path of Tourism and the need for new becomings and uses for the disciplinary concept of Tourism that are not subordinated to the cartesian, dialectic, positivist, systemic, structuralist and eurocentric logic of agency. The research developed proposes to answer the question “is it possible for tourism to be related to an squatting?”. For this, it describes and qualitatively analyzes the project “Cozinha Ocupação 9 de Julho” (coordinated by MSTC - Movimento Sem Teto do Centro) and its developments as an initiative that generated an unusual tourist flow at the property at number 427 at Rua Álvaro de Carvalho, Bela Vista, downtown São Paulo (Brazil).

Based on this specificity, the research developed seeks to understand the potential of touristic activity dissociated from the tourist trade while reflecting on the touristic phenomenon as a substance of resignification of the city and its subjects, in addition to describing the relationship of the symbolic-spatial dimension of the Ocupação 9 de Julho with the city of São Paulo and its creative power as political and poetic resistance against estate vacancy and extortion of life. Due to the absence of any references to the object of analysis linked to the disciplinary field of Tourism, it became necessary to investigate the theme from the (i)limitation of theoretical subsidies, from which it was decided to use an interdisciplinary theoretical contribution supported by Tourism, Humanistic Geography and Urbanism literature linked to the phenomenological method as a reality reading tool. Through bibliographic research and field work, it is concluded that it is possible for squatting to be related to Tourism, as long as the inauguration of new significance(s) of what is called tourism. The research, within its limitations, contributes to the understanding of the touristic phenomenon from a non-market place, founded by a decolonial episteme.

Keywords: Tourism. São Paulo. Squatting. Ocupação 9 de Julho. MSTC. Tourism epistemology.

PATRIMÔNIO=NOIS

A photograph of a multi-story apartment building courtyard. The central building is in poor condition with peeling paint and exposed brick. A banner with the text "PATRIMÔNIO=NOIS" is hung across the top. The courtyard is paved and has a metal fence in the foreground.

SUMÁRIO

1. ATER-SE ÀS FISSURAS	25	4. O MUNDO AINDA É UMA DELICADEZA RARA	80
1.1 CADA EXPERIÊNCIA TÊM SEU PRÓPRIO DESTINO: A VIDA NÃO É LINEAR	25	4.1 A SOLUÇÃO NÃO É TECNOLÓGICA, É AFETIVA: OCUPAÇÃO 9 DE JULHO	80
1.2 FELIZMENTE TURISMÓLOGA: TRANSDISCIPLINARIDADE PARA QUEM É TRANSDISCIPLINAR	30	4.2 OCUPAÇÃO 9 DE JULHO COMO DIREITO À CIDADE E DIREITO À MORADIA	83
1.3 DIGNIDADE HUMANA, UM PRINCÍPIO DÉMODÉ	33	4.3 OCUPAÇÃO 9 DE JULHO COMO RITUAL, FLORESTA E CEIA: AUTOGESTÃO, SINERGIA E ORIGINALIDADE	95
2. TIRE AS CONSTRUÇÕES DA MINHA PRAIA, NÃO CONSIGO RESPIRAR	38	4.4 OCUPAÇÃO 9 DE JULHO COMO RESSIGNIFICAÇÃO DA CIDADE E PRODUÇÃO INCESSANTE DE SONHOS	150
2.1 CIDADE COMO ARREMATE, ANDAIMES E TAPUMES	38	5. SÃO PAULO, TURISMO E A OCUPAÇÃO 9 DE JULHO COMO REINTERPRETAÇÃO DE SI E TRANSMUTAÇÃO DA REALIDADE A PARTIR DE UM SONHO COLETIVO	163
2.2 CIDADE COMO ENCLAVE FORTIFICADO	47	6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	189
2.3 CIDADE COMO DESMEMÓRIA E BENCHMARKING	54	7. CRÉDITOS ICONOGRÁFICOS	199
3. VOYAGE, VOYAGE	61		
3.1 POR UMA HISTORIOGRAFIA DECOLONIAL DO TURISMO	61		
3.2 TURISMO COMO AGENCIAMENTO E LÓGICA MERCANTIL	67		
3.3 TURISMO: A VIDA COMO MEDIDA. CONTRADIÇÃO POSSIBILIDADE, EPISTEMOLÓGICA E SUBSTÂNCIA DE REINVENÇÃO DA REALIDADE	73		

1 ATER-SE ÀS FISSURAS

1.1
CADA EXPERIÊNCIA TEM SEU
PRÓPRIO DESTINO:
A VIDA NÃO É LINEAR



Olhando pra trás, agora lembro do quão maravilhada fiquei a primeira vez que ouvi falar de *Summerhill*¹ durante uma aula da disciplina de Didática I, na FE-USP, onde iniciei meus estudos em 2015. A escola localizada no condado de Suffolk, na Inglaterra, fundada por Alexander Neill (1883-1973) traduziu pra mim um sonho, um vislumbre de uma utopia que se tornou realidade, uma sofisticação frente a todos os modelos tradicionais de ensino em que os processos de aprendizagem sempre foram atravessados pela violência simbólica da hierarquização, do mérito e da punição como ferramenta disciplinadora. O que mais me encantou na época, sem dúvidas, foi a autonomia e protagonismo das crianças como um princípio inegociável na estruturação de todo o dia a dia da escola, onde tudo era deliberado através de assembléias coletivas e onde todas as crianças, de quaisquer idades, tinham o direito ao voto, sendo capazes de opinar e construir suas próprias rotinas, regras de convivência, tarefas e currículo escolar. Talvez esse tenha sido o meu primeiro contato com o conceito de autogestão², pelo qual eu sigo apaixonada. Se hoje sou capaz de nomear essa paixão, é porque conheci *Summerhill* há exatos 7 anos atrás. Depois disso vieram outras paixões, como Tião Rocha, Rudolf Steiner, Therezita Pagani... mas uma delas foi igualmente avassaladora: quando tive contato em 2016 com o conceito de desescolarização³ - difundido no Brasil principalmente por Ana Thomaz - quem tive o prazer de conhecer durante uma tarde de 2018 na Casa Mestre Ananias, mesmo ano que ingressei na ECA,

¹ Escola fundada em 1921 e pioneira no movimento batizado de "escolas democráticas". Não há obrigações pré-estabelecidas de carga horária, lições de casa ou provas. O desenvolvimento emocional, a liberdade e jornadas orientadas para vocações individuais são valores prioritários em *Summerhill* (VAUGHAN, 2011).

² "A autogestão, para uns, é um "método de gestão de empresas" e, para outros, é uma "forma política" que assume o comunismo, ou seja, a "democracia direta" (...) a autogestão não é apenas a "forma política" (democracia direta) do comunismo e nem mero "método de gestão das empresas". A autogestão é uma relação de produção que se generaliza e se expande para todas as outras esferas da vida social. A autogestão inverte a relação entre trabalho morto e trabalho vivo instaurada pelo capitalismo e, assim, instaura o domínio do trabalho vivo sobre o trabalho morto (...) A autogestão significa que os próprios "produtores associados" dirigem sua atividade e o produto dela derivado (VIANA, 2007, p.1 e p.3).

neste curso de Turismo. Durante as aulas, diante de discussões sobre o planejamento turístico de destinos, assim como em meu tempo de voluntária no projeto USP Municípios, acabei me interessando muito mais pela distância entre o discurso e a realidade do fazer da profissão. Meu olhar de alguma maneira sempre se voltou para os casos que fogem à regra, o pino que não encaixa, a rachadura na parede pela qual a luz entra. Durante a graduação, pode-se dizer que me senti do mesmo modo no âmbito profissional, tendo me candidatado a vagas que aparentemente tinham pouco a ver com o perfil de uma bacharelada em turismo, e assim fui estagiária por dois anos consecutivos na FAU-USP, o que me trouxe certa familiaridade e proximidade com o mundo da arquitetura e do urbanismo, tendo tido contato com grandes nomes da área onde pude me atrever a conhecer leituras e discussões pertinentes ao planejamento urbano, o direito à cidade, política habitacional e, finalmente, às ocupações por moradia, que, sem antes ter me dado conta, são a síntese do que há de mais puro na autogestão presente em *Summerhill* e na desescolarização de Ana Thomaz, pois a ocupação como existência política é um ato de irreverência ao sistema - bem como o conceito da desescolarização - e onde todas as decisões são deliberadas coletivamente e a autogestão impera como regra de sobrevivência, tal como em *Summerhill*. Em 2019 apresentei o trabalho "Turismo, cidade e patrimônio: O caso Hotel Cambridge" para a disciplina "Turismo, Cidade e Patrimônio: questões contemporâneas" ministrada pela Prof.^a Dr.^a Clarissa Gagliardi, analisando a reconversão de espaços e usos do edifício de número 216 da Avenida Nove de Julho, desde sua época de luxo como hotel, depois como bar que hospedou festas famosas da noite de São Paulo e posteriormente como ocupação por

³ Também conhecido por "*unschooling*". Empregado pela primeira vez por John Holt (1923-1985) em *Teach Your Own*. Difere-se de "*homeschooling*". Enquanto o "*homeschooling*" é o ensino domiciliar de um currículo escolar, o "*unschooling*" ou desescolarização é a quebra de paradigmas com relação ao acúmulo de conhecimento, sistematização do aprender, "sucesso" profissional e hierarquias do saber; movimento em prol do "não aprender de fora para dentro, mas sim aprender de dentro para fora", a partir da experiência íntima individual da escola que carregamos dentro de nós; alinha-se a uma perspectiva de educação não formal como metodologia de ensino em prol da realização pessoal, e não somente ao "sucesso" profissional (THOMAZ, 2013).

moradia liderada pelo FLM (Frente de Luta por Moradia).

Em 2020, durante a disciplina “Dimensão Espacial do Turismo II” ministrada pelo Prof. Dr. Reinaldo Miranda de Sá Teles, apresentei um trabalho de título similar a essa monografia, analisando a relação da Ocupação 9 de Julho com o Turismo e a cidade de São Paulo. É impelida por essa trajetória que proponho essa pesquisa de caráter exploratório, afim de me aprofundar na possível relação entre o fenômeno turístico a partir de um caso cuja atual literatura do campo do turismo não contempla; compreender o fenômeno turístico quando ele escapa da lógica do SISTUR⁴ (BENI, 1998); analisar simbolicamente a relação entre o contexto urbano, seus sujeitos, territórios e o turismo a partir de novas abordagens que tornam possível o estudo do turismo em casos dissociados do mercado e pouco discutidos na cátedra acadêmica.

⁴ Sistema de Turismo. Modelo referencial teórico elaborado por Mário Carlos Beni que prioriza a análise sistêmica do fenômeno turístico, responsável pela apresentação ordenada e estruturada dos “componentes do turismo”, elaborado para instrumentalizar o estudo do turismo fornecendo “matrizes de relações entre funções do turismo e operadores do sistema, convergentes para a adoção de modelos matemáticos” (BENI, 1990, p.34).

A relevância científica desta pesquisa justifica-se pela necessidade de questionar-se a respeito do turismo como atividade historicamente vinculada tão somente a impressões e fins mercadológicos, tendo até aqui sido recorrentemente posta em dúvida com relação a sua profundidade e pertinência ao campo das ciências humanas por parte de outros pesquisadores, tais como cientistas sociais, historiadores, arquitetos e etc., que majoritariamente são unicamente capazes de enxergar o turismo como atividade econômica e suas contribuições limitadas a aspectos relativos ao mercado financeiro global e seus produtos de consumo. Felizmente, estudos do turismo através do prisma da geografia humanista, por exemplo, aproximam a atividade turística de novos significados na relação entre território, sujeitos e cultura. Mas não parece ser suficiente. É nas transformações do tempo presente que o futuro do turismo se desenrola a cada segundo. Sua gênese, como fenômeno social, está indiscutivelmente atrelada ao surgimento contínuo de transformações da realidade que os seres humanos são capazes de operar no meio em que vivem - e, por isso, suscetível ao imprevisível. Somado a sua juventude como área de estudo transdisciplinar, é nesse sentido que o Turismo apresenta-se como campo rico a ser explorado em suas possibilidades epistemológicas. Sendo assim, o desafio posto aos turismólogos é o de utilizarem o próprio olhar como bússola em busca de novos sentidos capazes de diversificar, aprimorar e, sobretudo, solidificar o entendimento da atividade turística e da sua natureza, que é da ordem do orgânico. É com essa finalidade que essa pesquisa se propõe a trazer luz para discutir a atividade turística a partir de um caso completamente dissociado de atores hegemônicos do *trade* turístico⁵ e de suas finalidades mercadológicas, dissociado até mesmo de abordagens relativas ao planejamento turístico em si. Trata-se, portanto, de uma circunstância praticamente improvável e igualmente tão pouco presente no âmbito da academia.

Quando, e como, uma ocupação liderada por um movimento de luta por moradia poderia se relacionar com o Turismo? Nesse sentido, de fato talvez o turismo seja melhor entendido a partir da sua indisciplina do que a partir da sua disciplina, como acredita Tribe (1997), e é nessa direção que essa pesquisa avança. É pelo desejo de explorar esse lugar do não-mercado e da potência criativa de autogestão da sociedade civil como alternativa aos pressupostos mercadológicos da atividade turística que a relevância científica deste estudo justifica-se como um convite urgente de testemunhar o turismo como ferramenta de ressignificação da cidade, seus sujeitos e territórios, capaz de dar voz a novos interlocutores e protagonistas, à medida que novas narrativas se apresentam para aqueles sensíveis e atentos o suficiente, cujo olhar está sempre à procura da vida, que transcorre como um rio caudaloso mesmo quando sufocada por concreto, correndo livre por debaixo de todo o asfalto - irreverente aos que tentam controlar seu rumo.

⁵ Cadeia de equipamentos da superestrutura constituinte do produto turístico. Refere-se aos meios de hospedagem, bares, restaurantes, agências de viagens, operadoras, empresas de transporte, lojas de souvenirs, centros de convenções e consolidadoras (COOPER, 2007, p.34).

Partindo do que Raquel Rolnik chama de financeirização da terra e da moradia, a “hegemonia da propriedade individual escriturada e registrada em cartório sobre todas as demais formas de relacionamento com o território habitado constitui um dos mecanismos poderosos da máquina de exclusão territorial” (ROLNIK, 2015, p. 13), endossando assim que a realidade contemporânea do contexto urbano é a da cidade como mercadoria, em seus diversos sentidos. Essa cidade-mercadoria é para poucos. Ao que Ermínia Maricato concordaria, dizendo ainda que “direito à moradia na cidade sem o direito à cidade não existe”⁶ (2020). Indo de encontro ao termo cunhado por Henri Lefebvre (1968), David Harvey (2014) define o “direito à cidade” como sendo

(...) muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora (...) é (...) a liberdade de fazer e refazer as nossas cidades (...) um dos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados (HARVEY, 2014, p.28).

Pensando nisso, as ocupações por moradia são, em sua essência, esse exercício de liberdade, são insurgências contra a lógica capitalista de especulação imobiliária, gentrificação e segregação socioespacial como mecanismos que transformam a cidade viva em cidade-mercadoria. Os movimentos de luta por moradia, como o FLM (Frente de Luta por Moradia), MSTC (Movimento Sem-Teto do Centro), MMRC (Movimento de Moradia da Região do Centro), etc, representam uma força nesse jogo de interesses pela construção das cidades. Só em São Paulo, estima-se que 30 mil imóveis estejam vazios (G1, 2021), sem cumprir sua função social, como determina o art. 191º do Estatuto da Cidade (2001). Um desses imóveis, felizmente, hoje abriga a Ocupação 9 de Julho, no antigo prédio projetado para ser a sede de São Paulo

⁶ MARICATO, Ermínia. **Maricato: "Direito à cidade nos tempos atuais"**. 2020. 1h 04min 17s. Canal Amigos ENFF. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AvbHmGw-M2U&ab_channel=AmigosEnff. Acesso em: 7 jun. 2021.

1.3 DIGNIDADE HUMANA, UM PRINCÍPIO DÉMODÉ

Um dos projetos autogeridos da Ocupação, a Cozinha Ocupação 9 de Julho, iniciou-se em março de 2018 como uma proposta que pretendia promover encontros mensais de almoços para se cozinhar e comer junto, além de reunir atividades artísticas e culturais no terreno da Ocupação como programação vinculada aos almoços, tudo feito pelos próprios moradores da Ocupação, oferecido aos moradores do entorno e demais interessados que quisessem participar. Sem pretensão de se tornarem algo maior, os primeiros almoços tiveram algumas poucas pessoas e, em um intervalo curto de tempo, passaram a trazer uma média de 3 mil pessoas ao terreno da Ocupação aos domingos. Pessoas que moram próximas do Centro de São Paulo, assim como pessoas que moram à um município de distância da Ocupação, começaram a frequentar esse espaço. Como defende Allis (2014), urge a necessidade de se repensar quem é o turista e qual é o turismo que hoje se articula de outras formas na contemporaneidade, levando em consideração os deslocamentos do novo mundo urbano globalizado e suas mobilidades. Por acaso um morador da Grande São Paulo que se desloca durante 2h30 para o centro da cidade em um fim de semana, para conhecer e participar de uma determinada atração, evento ou atividade que o faça redescobrir seu próprio entorno - a vivência do extraordinário no ordinário, da onde nasce o turismo, como diz Urry (2001) - não pode ser, de alguma forma, turista em seus próprios termos? Em uma cidade como São Paulo, onde pessoas chegam a percorrer 20, 50, 100 quilômetros todos os dias, fica cada vez mais difícil considerar que o turismo possa estar restrito tão somente às definições da OMT⁸, tornando-se necessário a inauguração de novos modos de elucidação que se denomina turismo e seus critérios de entendimento.

⁷ Atual INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social).

Com o projeto Cozinha Ocupação 9 de Julho, todo o dinheiro arrecadado a partir dos almoços é reinvestido na própria Ocupação e seus moradores, trazendo a tona a força da micropolítica e do papel do turismo não só como distribuidor de riqueza mas como um instrumento capaz de distribuir riqueza hierarquicamente, distinção que faz Rita de Cássia Cruz (2006, p.4). As ocupações não são problemas urbanos e sim, antes de tudo, tentativas de solucioná-los, como diz Julia Caminha (2017, p.43), sendo a ocupação de imóveis ociosos um fenômeno heterogêneo e mundial, mas ao mesmo tempo específico ao contexto local no qual se desenvolve, sendo assim relevante o estudo da dimensão simbólico-espacial da Ocupação 9 de Julho em relação à cidade de São Paulo e suas singularidades, a partir da ótica da geografia humanista destacada por Tuan (1979) em que “lugar” não é, puramente, um fato a ser elucidado na ampla estrutura do espaço, e sim é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. Essa definição vai de encontro com a fenomenologia existencialista de Ponty (1908), que para Seamon (2000) é o estudo interpretativo da experiência em suas dimensões afetivas, históricas e temporais. Sob esse prisma, a Ocupação 9 de Julho é, em si, um microcosmo carregado de sentidos, parte desse corpo-cidade de São Paulo, corpo esse guardião de memórias e traumas coletivos; cidade que é testemunha, a todo momento, da ação de sujeitos que tentam traduzir sua própria maneira de existir, produzindo novos entendimentos do que significa estar vivo, no qual o lar é um elemento fundamental para a constituição do sentido de dignidade humana; essa última, sem a qual, não é possível discutirmos o Turismo.

⁸ Organização Mundial do Turismo. Criada em 1925 como organização internacional não governamental. Agência especializada da Organização das Nações Unidas (ONU) desde 2003, com sede em Madrid. Sua principal função é a promoção do Código Mundial de Ética no Turismo e a organização de fóruns mundiais para a discussão de práticas turísticas (SEBRAE).

**2 TIRE AS
CONSTRUÇÕES
DA MINHA PRAIA,
NÃO CONSIGO
RESPIRAR**

**2.1
CIDADE COMO ARREMATE,
ANDAIMES E TAPUMES**



Nos últimos anos tenho fotografado as transformações da paisagem do meu entorno. Me assusta a quantidade de prédios que surgiram e continuam surgindo nesse período de tempo. Até então não tinha particularmente nada contra eles, mas ando profundamente ressentida. Só da janela do meu quarto é possível observar 3 novos prédios que foram erguidos em um intervalo de 4 anos (2016-2020). Isso é quase o equivalente a dizer que um novo prédio foi erguido a cada ano. Tudo que vejo são apartamentos. A cidade se verticaliza vertiginosamente. E nesse movimento perde-se de vista as árvores, a Serra da Cantareira, o pôr do Sol e o horizonte. Tudo isso, como o ar, me parece vital.

Fotografo pois não quero me esquecer de um instante de clareza sequer. A fotografia como ferramenta da memória, essa tecnologia ancestral que é guardiã de um mundo que a cada dia se finda. Dia desses andando pelo bairro notei que ceifaram minha árvore favorita. Estava na calçada de um terreno baldio, que, em breve, dará lugar a um novo prédio residencial, diz a placa. Não a fotografei porque quis me convencer de que não seria necessário me despedir tão cedo. Isso partiu o meu coração.

Essa dor peculiar, no entanto, não parece ser exclusivamente minha. Da Zona Norte à Zona Oeste, a cidade de São Paulo tem se tornado um canteiro de obras de megaempreendimentos que destroem paisagens e desmantelam a história de bairros inteiros, como Pinheiros, que foi líder de demolições em 2021 - somando um total de [1.083 alvarás de destruição](#). Em 2020, foi cenário de 28% das derrubadas de casas da capital.

A verticalização em massa é operada pelas incorporadoras e construtoras por meio de assédio aos moradores, que se vêem forçados a saírem de suas casas. Com o desaparecimento dos antigos residentes, desaparecem também uma infinidade de comércios locais - padarias, livrarias, mercearias, sapatarias, alfaiatarias, lojas de instrumentos musicais, pizzarias, salões de beleza, lanchonetes - que encerram suas atividades e deixam uma

lacuna na rotina da cidade, que está sendo loteada para dar lugar a torres envidraçadas que farão companhia para *food parks*, bares e cafeterias *pet friendly* que servem *drinks*, *burgers* e *iced coffee*. O estrangeirismo nas fachadas e nos cardápios são anúncios da morte de uma cidade orgânica que está sendo substituída por uma cidade gourmetizada e sintética, feita sob medida e instagramável⁹.

Um quê megalomaniaco que beira limites criminosos é um traço característico do extenso processo de verticalização que asfixia São Paulo. Na região Oeste, a construtora Ekko pretende construir o que chama de “o maior projeto imobiliário da América Latina”, que contempla [uma muralha de 19 torres](#) de até 45 andares cada no meio do bosque do São Francisco Golf Club, que trará 16 mil novos moradores para a Vila Yara, o que aumentaria em 50% o congestionamento de uma das regiões mais nobres de São Paulo. Já foram autorizados 143 cortes de árvores pela Prefeitura de Osasco, o que gerou descontentamento nos atuais residentes da região. A verticalização em massa é indiferente quanto ao status quo alheio.

“[Cinema na Rua Augusta que existe há quase 30 anos vai ser fechado para dar lugar a prédio](#)”, é como foi anunciado no dia 12 de maio de 2022 a morte da unidade anexo do Espaço Itaú de Cinema que divide terreno com o Café Fellini, testemunha de muitos casais apaixonados que já trocaram beijos sentados no pequeno jardim de inverno à espera de uma sessão. O cinema que ocupa o número 1.470 da Rua Augusta desde 1995 será demolido para que no início de 2023 a incorporadora Vila 11 construa prédios comerciais e residenciais no endereço em questão até a Rua Antônio Carlos. Dessa maneira a paisagem de uma das ruas mais tradicionais de São Paulo conhecida por seus bares, restaurantes, casas de shows e comércios vai se descaracterizando, tomada por stands de vendas que desertificam a paisagem e endurecem o cotidiano.

⁹ Define-se como “que tem características próprias ou ideais para publicação na rede social Instagram”. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/instagram%C3%A1vel>. Acesso em: 18 mar. 2022.

Bairros inteiros caminham para o seu próprio desaparecimento a partir de processos distintos de descaracterização. A título de comparação, a Fábrica União, antigamente localizada na Rua Borges de Figueiredo, é só mais um exemplo de patrimônio industrial apagado da Zona Leste. Completamente demolida em 2014, hoje seu terreno abriga o Atrio Giorno Luzes da Mooca e o Condomínio Spazio Lume, conjuntos de prédios de alto padrão de uso misto. Aqui, fica evidente o uso do bilinguismo ítalo como parte de um fetichismo cultural que integra uma estratégia de venda que pretende remeter o edifício a algum tipo de aura característica ligada às raízes da forte influência imigrante que fundou a região. Mas na prática, um dos únicos vestígios do intenso processo de industrialização do início do século XX responsável pelo crescimento econômico de São Paulo do qual a Fábrica União fez parte é sua chaminé, que foi preservada e mantida na frente do Atrio Giorno, um empreendimento que faz parte de um bairro que aos poucos perde sua memória social.

Das fábricas, manufaturas e parques industriais, a Vila Maria Zélia, construída em 1912 e tombada pelo CONDEPHAAT em 1992 é uma das poucas, senão uma das únicas edificações que ainda narram parte do passado fabril da capital paulista e de suas vilas operárias. No Brasil, a deterioração é só mais uma estratégia para justificar a demolição de equipamentos e edificações que continuamente são vítimas da veracidade da especulação imobiliária e da gentrificação que engolem São Paulo - uma cidade que padece de suas próprias doenças autoimunes e que parece estar galgando um processo similar que David Harvey (2014, p. 10) descreveu com relação a Paris de 1960: uma evidente crise existencial, em que a antiga cidade não podia mais permanecer como era, mas que a nova versão parecia demasiada horrível, sem alma e vazia para se contemplar.





Pela primeira vez a cidade de São Paulo tem mais prédios do que casas. É isso que releva o [levantamento](#) realizado e divulgado pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM) em 2021. Em 20 anos, o número de prédios saltou de 767 mil unidades para 1,38 milhão de unidades. Engana-se quem pensa que se vive com conforto. [Aluguel de quartos de 9m²](#) por uma bagatela de 1,2 mil ou [unidades de 27m²](#) na região central de São Paulo por um financiamento de 320 mil são algumas das opções disponíveis no mercado e espalhadas por inúmeros anúncios nas mídias sociais ou sites de imobiliárias. Na década de 70, a metragem dos apartamentos tinham uma média de 100 metros quadrados. Há, ainda, quem opte por morar nos [colivings](#), neologismo do mercado imobiliário que as incorporadoras passaram a utilizar para repaginar o conceito de repúblicas ou pensões, onde quitinetes são agora chamadas de “estúdios”. Os preços exorbitantes e os lugares cada vez menores adjetivam o modo como se vive hoje, com cada vez mais aperto e sufoco, configurando a lógica do adensamento urbano em detrimento do lucro imobiliário, responsável pela “estrutura de aluguéis e preços que impede que pessoas de baixa renda e, atualmente, até mesmo pessoas de classe média tenham acesso à moradia em qualquer lugar próximo ao centro urbano” (HARVEY, 2014, p. 57).

Há de se considerar que mudanças no modo de habitar o espaço denotam, inevitavelmente, mudanças no modo de se relacionar. Não raro muitos desses empreendimentos verticais reproduzem uma cidade artificial, condomínios fechados *all inclusive* - seja por meio do uso misto ou espaços de convivência compartilhados - lançando mão do conceito de “comunidade” como um bom argumento de venda.

O [projeto Cidade Matarazzo](#), do empresário norte-americano Alexandre Allard, é um megacomplexo de 30 mil metros quadrados a apenas 200 metros da Avenida Paulista. Comprado em um leilão e com as obras iniciadas em 2014, o projeto foi dividido em duas etapas e a primeira delas foi entregue em 2021, que contempla um hotel de seis estrelas com 122 suítes da rede hoteleira Rosewood,

2.2 CIDADE COMO ENCLAVE FORTIFICADO

em que a diária do menor quarto disponível - de 43m² - custa R\$ 3.100 (fora as taxas adicionais, como informa o site). Como parte do megaprojeto também já está em pleno funcionamento a torre corporativa batizada de Edifício Ayahuasca, descrito como “o primeiro edifício de escritórios com serviços de alto luxo em São Paulo, oferecidos pelo Hotel Rosewood São Paulo”, cuja fachada de 25 metros de cipós de concreto revestidos de trepadeiras assinada pelo arquiteto francês Rudy Ricciotti aparentemente justificaria o vínculo com a bebida enteógena sul-americana utilizada em rituais sagrados sobretudo na tradição da medicina indígena na Amazônia. O projeto ainda contará com um centro comercial com boulevard e lojas de luxo, uma galeria de arte, 34 restaurantes, um estacionamento de 1,5 mil vagas e mais. No site institucional, a voz que narra o vídeo promocional do empreendimento diz: “Se você quiser sair à pé, com toda a segurança, para fazer compras ou tomar um café tranquilo no jardim, como se estivesse em uma praça na Itália, o acervo restaurado do Hospital Matarazzo dá lugar a um village com lojas das melhores grifes mundo e cafés, restaurantes, bares: a sensação é de viver em uma pequena cidade no centro de tudo (...) a Cidade Matarazzo é um oásis no meio da cidade, e para a cidade.”

Grandes projetos (...) estão transformando a paisagem. Centros comerciais, igualmente imensos, parques científicos, aeroportos, terminais de contêineres e todos os tipos de espaço de lazer, grande número de instituições culturais recém-criadas, junto com condomínios fechados e campos de golfe, pontilham a paisagem chinesa (...) A China, porém, é só um epicentro de um processo de urbanização que atualmente já se tornou genuinamente global, em parte devido à assombrosa integração dos mercados financeiros que usam sua flexibilidade para financiar por dívida projetos urbanos que vão de Dubai a São Paulo e de Madri e Mumbai a Hong Kong e Londres (HARVEY, 2014, p. 42).

Somado a isso, há a institucionalização do medo, esse aparato de controle tão eficaz, através do uso discursivo da “fala do crime”¹⁰ (CALDEIRA, 2006), responsável pela estruturação de uma narrativa orquestrada por instituições que se beneficiam da segregação socioespacial que ela gera, ordenando a compreensão do mundo e as atitudes da população em geral. Como resultado disso, há o crescimento exponencial das tendências de privatização da segurança e da conotação do espaço público como território potencialmente perigoso, em que o melhor a se fazer, sem dúvidas, é se isolar em um jardim paisagisticamente construído para tomar um café com a devida segurança e tranquilidade que a urbe nunca poderia oferecer.

(...) no movimento chamado “novo urbanismo”, que enaltece o “estilo butique” como modo de vida e a venda da comunidade como um produto criado pelos agentes imobiliários para satisfazer os sonhos urbanos (...) a ética neoliberal (...) vem aumentando o individualismo isolacionista, a ansiedade e a neurose (HARVEY, 2014, p. 49).

Com a propagação do SARS-Cov-2 em 2020, a conotação de perigoso ganhou uma nova camada de sentido atrelada à biossegurança. Por semanas, senão meses, o esvaziamento do espaço público durante o período de quarentena rendeu imagens outrora impossíveis, como a Ponte Estaiada sem trânsito às 17h, em plena terça-feira; a Avenida Paulista silenciosa no horário de almoço ou o bairro da Santa Ifigênia com suas ruas completamente vazias.

¹⁰ Narrativas, comentários, conversas e piadas cotidianas que têm o crime como tema central, responsáveis pela proliferação do medo. A fala do crime promove uma reordenação simbólica do mundo através da elaboração de preconceitos e naturalização da percepção de certos grupos como agentes de perigo, criminalizando categorias sociais (CALDEIRA, 2006, p. 9-10).

A esfera pública, antes habitada pela iminência da violência, passa a ser habitada por um vírus impiedoso, que acumulou, só no Brasil, ao menos 657 mil óbitos até março de 2022. A ameaça de uma doença invisível e altamente contagiosa transformou São Paulo, nem que por alguns momentos, em uma cidade fantasma.

As medidas de precaução contra sua propagação enunciam uma cultura urbana do isolamento, da ojeriza ao contato físico, da consagração do trabalho remoto e da condenação do idoso a elemento disfuncional da atualidade. O espaço público, por isso, foi sua primeira vítima fatal. Da categoria de lugar "perigoso", das multidões amotinadas e do encontro com o inesperado, uma definição que nos assombra desde o século XIX, passa à de contagioso. A globalização, e todo o espectro de mobilidade que implicava, aparece como algoz de uma humanidade fragilizada pelos fluxos do capital (BEIGUELMAN, 2020, p. 5).

Cada vez mais taxados de impróprios para circulação e cada vez mais destituídos de sua organicidade, os espaços públicos gradativamente se esvaziam, e, conseqüentemente, a vida pública. Dessa forma os enclaves fortificados nos quais vivemos e transitamos - sejam eles shoppings centers, conjuntos comerciais ou complexos residenciais - são um modelo de organização de diferenças sociais no espaço urbano tão explícito que transformam a qualidade do espaço público (CALDEIRA, 2006), que passam a ser paulatinamente espaços públicos, mas não civis (BAUMAN, 2001).

Esse processo pode ser observado de diferentes formas na cidade de São Paulo. A morte generalizada dos cinemas de rua e seus respectivos movimentos de resistência são fatos decorrentes disso. Os que ainda restam na cidade - Marabá, Cine Olido, Petra Belas Artes, Cinesala, CineSESC - e entre eles o recém reinaugurado Cine Bijou - simbolizam uma investida contra o padrão americano da rede Cinemark, que mantém suas exibições limitadas à mega



produções hollywoodianas e suas salas restritas ao ambiente dos shoppings centers; esses, por sua vez, responsáveis pelo deslocamento do comércio e do lazer para dentro de um espaço fechado e pago, delineando assim uma nova forma de urbanidade que inaugura uma arquitetura do confinamento, caminhando na mão contrária das galerias comerciais - que em sua grande maioria integram o ambiente da rua com as lojas através de vãos abertos - e dessa forma agregam novos usos do espaço, como é o caso da Galeria do Rock, Centro Comercial Presidente, Galeria Ipê, e alguns outros edifícios das décadas de 50 e 60 que por pouco remanescem na metrópole paulistana.

A existência dos cinemas de rua equivalem ao êxito do carrinho do pipoqueiro sobre o combo *popcorn* vendido no *snack bar* e a existência das galerias comerciais equivalem ao êxito do espaço público sobre o espaço privado e pago, personificando assim duas formas antagônicas de viver a urbe. A preponderância do privado sobre o público segue reduzindo a possibilidade da heterogeneidade, marca expressiva da vida pública, que torna-se circunscrita àqueles que se lançam à experimentar a vulnerabilidade do encontro com o diferente, o outro, e tudo que o imprevisível pode revelar.

Assim sendo, o imaginário coletivo calcado no discurso sociopolítico do perigo dá origem à um mapa da cidade com recortes específicos que será preenchido por duas conotações: a dos espaços seguros, e, portanto, transitáveis; e a dos espaços perigosos, e, portanto, intransitáveis, logo, vazios. Dessa forma, uma única cidade pode ser imaginada de mil e uma formas a partir da atribuição da inexistência simbólica de determinadas regiões, que começam a ser evitadas, ignoradas, e, com o tempo, rechaçadas. Entretanto, a despeito de quaisquer opiniões, essas regiões existem e nelas se vivem. Lugares vazios para quem?

Lugares vazios têm dois destinos: o esquecimento ou a requalificação¹¹. O Centro Histórico de São Paulo é alvo dos dois processos, simultaneamente. Esquecimento pois, algumas regiões, como a Luz, são propositalmente esquecidas, para que sirvam, de uma forma ou de outra, como depósito de todos os indesejados, sejam eles sem-teto ou dependentes químicos. A área há anos é alvo de operações de intervenção pelo Governo do Estado, e os programas implementados, que começam todos com as boas intenções de um discurso benevolente, acabam sendo, um por um, descontinuados, tornando-se medidas paliativas, longe de suprimirem substancialmente as necessidades da região e seus residentes. Em parte, por conta de cada nova eleição municipal que ocasiona a substituição da gestão vigente. Por outro lado, porque é conveniente de que a Luz, como perímetro, seja vista como território infértil, hostil por natureza, como se nenhum esforço por parte de governanças locais pudesse solucionar as mazelas que assolam a região, sendo assim, muito oportuno, justificar o continuum estado de miséria que assombra os arredores da Pinacoteca do Estado de S. Paulo e o Theatro Municipal como se, quem sabe, o problema fosse, de fato, as pessoas que ali se encontram, e não a cínica inadimplência pública e a ausência de políticas públicas orientadas para a ressocialização daqueles que se encontram na rua.

11 Para Paulo Peixoto, "Requalificação urbana e reabilitação urbana (o segundo mais que o primeiro) são dois dos termos mais recorrentemente usados em operações de natureza urbanística, arquitectónica e de intervenção no espaço público. (...) Os vocábulos requalificação e reabilitação urbanas, na variedade de situações em que são usados, estando enquadrados por uma retórica pluridisciplinar, assumem sentidos diversos, revestindo-se, inevitavelmente, de alguma ambiguidade. O carácter predominantemente técnico que parecem assumir tende a isentá-las, frequente e forçadamente, de uma carga política que outros processos que as enquadram (enobrecimento, higienização, haussmanização, depuração paisagística, etc.) (...) Entre as dinâmicas e os processos sociais que estão na origem da problemática da requalificação urbana os mais relevantes têm a ver com: a evolução das economias urbanas, marcada pela expulsão das indústrias do sector secundário para as margens das cidades; a tendência para a policentralidade e a perda de vitalidade dos antigos centros urbanos, num quadro de alargamento incessante da malha urbana e da consequente produção de novos centros e de novas margens; a consolidação de um mercado urbano do lazer construído à volta da ideia de espaço público e do consumo visual; e a emergência de um cenário de concorrência e de competitividade entre cidades que adensa a importância de factores representacionais e imagéticos, assim como de intervenções urbanísticas e arquitectónicas que concretizam no espaço símbolos de afirmação e de identificação das cidades" (PEIXOTO, 2009, p. 41).

O segundo destino possível a um lugar vazio é ser alvo de uma ação de requalificação urbana. Quando não é viável demonizar uma região ou despejar estorvos, é possível submetê-la a um processo de total ou parcial transformação a partir de megaobras e megaempreendimentos, não raro financiados a partir de parcerias público-privadas, para que a região em questão se torne mais atraente para investimentos (sobretudo investimentos estrangeiros), e que, por consequência, o perfil dos moradores e transeuntes se altere por meio da gentrificação - alavancada através do aumento exponencial do preço do metro quadrado da região, que, por sua vez, eleva o preço geral dos aluguéis, gerando uma evacuação dos atuais residentes, frequentadores, comerciantes, etc - sendo uma útil ferramenta de higienização urbana. Para isso, faz-se uso de escritórios de arquitetura renomados, artistas estimados, mega construções e/ou projetos paisagísticos que visam, "melhorar" a região, "repagina-la", "revitaliza-la" ou, quem sabe ainda, "modernizá-la".

A revitalização da comunidade (...) no sul de Baltimore substituiu a vitalidade das ruas, em que as pessoas se sentavam em suas varandas nas noites quentes de verão e conversavam com os vizinhos, por casas com ar condicionado e à prova de assaltos, em que geralmente havia uma BMW na garagem e um terraço na cobertura, mas em ruas vazias. Segundo a opinião local, a revitalização significou desvitalização. (...) Essa é, sem dúvida, uma maneira bem melhor de explicar a verdadeira tragédia dos bens comuns urbanos em nossa época. Os que criam um cotidiano comunitário interessante acabam por perdê-lo para práticas predatórias dos agentes imobiliários, dos financistas e consumidores de classe alta, que carecem totalmente de qualquer imaginação social urbana (HARVEY, 2014, p. 153).



É o caso da completa destruição do projeto paisagístico de Rosa Kliass de 1990 que deu lugar ao imenso pátio cinza asfaltado com chafarizes do até então prefeito Bruno Covas (PSDB), falecido antes do término da entrega da obra. A operação, anunciada em junho de 2019 e entregue em julho de 2021, batizada de “projeto de reurbanização do Anhangabaú” tinha a intenção de [“transformar a região em uma área animada, segura e atraente, redefinindo os significados de uso e qualificando os espaços urbanos”](#); “reurbanizar” partindo do pressuposto de um vazio, ignorando totalmente toda e qualquer vida cotidiana instalada no Vale e com o intuito de “criar segurança” partindo do prognóstico da natureza “perigosa” da região, atestando, como exposto anteriormente, a lógica de ordenamento do território urbano a partir do discurso sociopolítico da fala do crime (CALDEIRA, 2006). Na prática, a obra responsável pelo corte de [480 árvores](#) custou R\$ [105 milhões](#) aos cofres públicos, R\$ 25 milhões a mais do que o previsto no início do projeto. Financiada pelo FUNDURB (Fundo Municipal de Desenvolvimento Urbano), o valor corresponde à 1% do valor investido na Operação Urbana Centro desde 1997 em Habitação de Interesse Social na região ([LabCidade, 2020](#)), o que soa irônico, já que, o próprio FUNDURB, instituído em 2002, deveria servir para a “equidade dos investimentos em infraestrutura urbana” reduzindo a desigualdade urbana na metrópole. A concessão do novo espaço já foi feita para a iniciativa privada; o Consórcio Viva o Vale é responsável por um período de 10 anos pela manutenção, vigilância, limpeza e, claro, exploração comercial dos 70 mil m². O contrato de concessão prevê a permissão de até seis eventos de acesso restrito por mês. O que, na prática, significa a privatização do espaço público. Dos “cafés, floriculturas, sanitários, ludoteca”, e outras atividades prometidas, parece que, por enquanto, quem passa pelo Vale do Anhangabaú vislumbra somente uma árida ilha de calor para desfrute.

Sob a égide do discurso do desenvolvimento e do pretexto da “revitalização”, as cidades têm se transformado em mercadoria - muitas vezes silenciosamente. [A concessão de *namings rights* à empresas privadas promovida pelo Metrô de São Paulo em 2020](#) atesta a natureza mercadológica com que a urbe é encarada, cada vez mais administrada como uma marca, promovendo a comercialização de identidades em prol da rentabilidade financeira associada ao uso da cidade como grande *outdoor* publicitário e ferindo sua memória social. A transição dos processos de planejamento urbano - herança da industrialização - pelos planos estratégicos - como marco da pós-industrialização - emplacou as operações de requalificação urbana como estratégia de venda das cidades. A criação de *trademarks* (como o inconfundível “I Love NY¹²”) é um exemplo claro e cada vez mais recorrente do uso do *city marketing* como promoção das cidades, em especial no que diz respeito ao uso do turismo como ferramenta de criação de atrativos que sejam um estímulo competitivo capaz de posicionar as cidades em um *ranking* global dentre as metrópoles mais cobiçadas pelo capital estrangeiro e o turista internacional.

3 VOYAGE, VOYAGE

3.1

POR UMA HISTORIOGRAFIA DECOLONIAL DO TURISMO

É sabido que os seres humanos viajam desde a mais remota época. É possível encontrar relatos de locomoções com as mais distintas motivações, sobretudo em livros de História. Afinal de contas, se a espécie humana se espalhou pelo globo, foi através das viagens. Entretanto, encontrar o registro dos mesmos percursos na literatura do turismo representa uma tarefa hercúlea. Poucos são os estudos sobre a ancestralidade do ato de viajar. A produção acadêmica que contemple o resgate histórico das formas embrionárias de viagens e seus viajantes é incipiente, representando uma lacuna teórica no estudo do turismo ao longo do tempo. São poucos os artigos, tanto em português quanto em língua estrangeira, que citam a existência das viagens anteriores à modernidade como parte da história do desenvolvimento turístico mundial. A título de ilustração, a maior parte dos 473 TCCs produzidos no curso de Turismo da ECA-USP entre 1975 a 2015 pertencem à três áreas de concentração, sendo: Planejamento Turístico; Marketing Turístico e Demanda Turística. Dentro do catálogo Vocabulário Controlado do SIBi/USP, que reúne informações do Banco de Dados Bibliográficos da USP (Dedalus), observa-se: “o assunto Mercado turístico concentra o maior número de trabalhos (185), seguido por Administração turística (110) e Indústria do turismo (68). O assunto História do turismo não foi contemplado por qualquer TCC” (AZEVEDO, 2016, p. 42).

Barreto (1999) situa a proto-história do turismo na Grécia Antiga, ou mesmo em alguma outra civilização do passado longínquo. Alguns autores situam o começo do turismo no século VIII a.C., na Grécia, porque as pessoas viajavam para ver os jogos olímpicos; outros acreditam que os primeiros turistas foram os fenícios, por terem iniciado as relações comerciais e a transação com moedas; porém, se levar-se em consideração que o ser humano desde tempos ainda muito mais remotos empreendiam viagens definitivas ou temporárias, há de se supor, portanto, que a existência do turismo pode ser muitíssimo mais antiga (BARRETO, 1999).¹³

Dentre os poucos materiais de pesquisa disponíveis, há ainda apenas a menção ao universo das viagens realizadas a partir da Antiguidade Clássica (VIII a.C), durante a Idade Média (séc. V), seguida do Renascimento (séc. XIV) e por fim durante a Revolução Industrial (séc. XVIII).

A abordagem sobre a origem do turismo não é única, principalmente porque o recorte temporal nas obras dos autores é bastante diverso. Na pesquisa realizada, Amaral Júnior (2008) e Fratucci (2008) são os autores que mais retrocedem no tempo em suas obras abordando as origens do turismo, ainda no Antigo Egito e nos impérios Grego e Romano, enquanto que Pires (2002) inicia relatando a atividade do turismo no século XII, na parte final da Idade Média e Trigo (1998) aborda em sua obra o turismo moderno, a partir do século XIX.¹⁴

Não há informações disponíveis a respeito da historiografia do Turismo fora do eixo greco-romano e europeu, muito menos fora do contexto ocidental. De fato, não há, na literatura do turismo, referências às viagens e seus viajantes no que diz respeito às antiguidades orientais, africanas e indígenas. Faz-se necessário a inauguração de um estudo próprio da historiografia do Turismo a partir da pesquisa histórica, lançando mão de um pensamento decolonial calcado na prática social como instrumento de construção de um aporte teórico que possa (re)contar a história do turismo ao redor do globo a partir de suas distintas expressões em suas correspondentes civilizações, a fim de contemplar os diferentes modos de se viver, se comunicar e se locomover na cronologia do tempo.

¹³ SILVA, Odair Vieira da; KEMP, Sônia Regina Alves. **A evolução histórica do turismo:** da Antiguidade Clássica à Revolução Industrial - século XVIII. FAEF - Revista Científica Eletrônica de Turismo, n. 9, 2008. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/site/e/turismo-9-edicao-junho-2008.html#tab 728>. Acesso em: 3 maio 2022.

Em primeiro lugar, esclarecemos que o nascimento e desenvolvimento de uma ciência do turismo e seu respectivo arcabouço teórico conceitual só podem ser considerados solidificados, quando permitimos que a movimento de reflexão e da dimensão crítica e dialética caminhe rumo ao questionamento de seus pressupostos e axiomas fundamentais. Portanto, o ato de repensar a historiografia universal existente no campo do turismo aparece como uma necessidade fundamental e decisiva dentro da ciência do conhecimento desse fenômeno. (...) Esse procedimento abre espaço para que ressurgam as verdadeiras histórias autóctones, sem o perigo de adotarmos uma identidade aceita como universal alheia e estranha a nossa idiosincrasia (SANTOS FILHO, 2004, p. 3 e 4).

A viagem de grupo organizada por Thomas Cook (1808-1892) em 1841, referenciada por diferentes autores e profissionais como “o pai do turismo moderno” é utilizada como marco teórico temporal que inaugura a história do Turismo mundial, implicando na apresentação do fenômeno turístico como consequência do acúmulo do desenvolvimento tecnológico da Revolução Industrial (séc. XVIII) e a disponibilidade da burguesia do século XIX para viajar através do *grand tour*.

Cabe a nós duvidarmos de verdades absolutas, aquelas que embarcam no mundo pela visão positivista, por isso há necessidade de buscarmos o entendimento dos fazeres da humanidade como resultado da ação dos homens, produto de sua práxis histórica e social, recolocando Thomas Cook em seu devido lugar na historiografia mundial. (...) A história do turismo mundial foi escrita por meio de uma lógica determinada no interior das relações de

¹⁴ NAKASHIMA, S. K. CALVENTE, M. del C. M. H. **A História do Turismo:** epitome das mudanças. Turismo & Sociedade (ISSN: 1983-5442). Curitiba, v. 9, n. 2, p. 1-20, maio-agosto de 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/43151>. Acesso em: 20 maio 2022.

produção que vão privilegiar o Estado Inglês que nesse momento invade o mundo com sua produção de mercadorias, por ser o mais emergente economicamente naquele período histórico e gerando um domínio imperialista do saber universal no campo do turismo (SANTOS FILHO, 2004, p. 4 e 6).

Na ausência do conhecimento organizado a respeito das multiplicidades das viagens e seus modos de viajar no âmbito da produção científica do turismo, ou seja, na ausência de um ethos do universo das viagens ao longo da história humana, admitir o nascimento da atividade turística atrelada única e exclusivamente ao ebanista inglês, significa assumir

a coexistência de um centro (norteador do desenvolvimento) com uma vasta e diversificada periferia possuidora de um desenvolvimento avançado por essa relação – geradora da concentração de renda em escala mundial (AGUIAR, 2018, p.4).

Sem desmerecer a contribuição da figura de Thomas Cook para o entendimento da atividade turística como atividade organizada e seu legado para o setor do agenciamento, há de se considerar que a expoência econômica da Inglaterra como potência marítima, agrícola, ferroviária, bélica e industrial em pleno século XIX só foi possível às custas de milhares de escravizados em colônias inglesas, como: Índia, Paquistão, Malásia, Bangladesh, Austrália, Bahamas, Guiana, Nova Zelândia, Egito, Sudão, Gana, Nigéria, Somália, Serra Leoa, Tanzânia, Uganda, Quênia, Malawi, Zâmbia, Gâmbia, Lesoto, Maurícia, Suazilândia, Seicheles, Zimbábue, Ilhas Salomão, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Connecticut, Delaware, Geórgia, Rhode Island, Massachusetts, Mayland, New Hampshire, Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia, Virgínia, entre outros.

O império britânico foi o maior do mundo em territórios descontínuos e em seu apogeu abrangia 35.500.000 km², o equivalente a 24% da área total da Terra. Em 1920 o império britânico tinha sob seu domínio 458 milhões de pessoas, um quarto da população mundial na época. Em *All the Countries We've Ever Invaded: And the Few We Never Got Round To* (2012), o historiador britânico Stuart Laycock conclui que dos 193 países que atualmente são membros da ONU, apenas 22 não foram invadidos pelos britânicos.

É, portanto, no bojo da acumulação tecnológica da Revolução Industrial - responsável pela consolidação do processo de formação do capitalismo - financiada pelo enriquecimento da Inglaterra e outros Estados-nação a partir de uma extensa chacina e colonização imperialista praticada por impérios europeus, em meio a solidificação das correntes filosóficas, sociais, políticas e econômicas que fundam a construção do cientificismo moderno (liberalismo, maquiavelismo, racionalismo, cartesianismo, positivismo) que a concepção de turismo adotada pelo rigor disciplinar advém. Por conseguinte,

O controle das ciências, do saber e da difusão intelectual desempenha papel fundamental junto à dominação econômica imperialista, apreendendo uma intersubjetividade no processo de dominação que se desenvolve no meio acadêmico através da fragmentação do saber e do abandono da perspectiva histórico-dialética (AGUIAR, 2018, p. 1).

Nesse sentido, a concepção clássica e tida como convenção do que seria a atividade turística se apoia em uma monocultura eurocêntrica do fazer turístico e da organização turística a partir da lógica do agenciamento, norteador os estudos do fenômeno turístico como objeto sempre atrelado à uma cadeia produtiva cuja principal finalidade é oferecer um produto de consumo que será negociado necessariamente através de agências e operadoras; a atividade turística como um commodity a ser produzido, distribuído e consumido por aqueles capazes de pagar por uma viagem de longa distância.

3.2 TURISMO COMO AGENCIAMENTO E LÓGICA MERCANTIL

A natureza da atividade turística historicamente sempre vinculada ao agenciamento e o entendimento disciplinar do turismo apoiado na construção de uma indústria turística implica, inevitavelmente, na criação e venda de oferta turística como mercadoria. Desse ponto de vista, o fazer turístico estaria intimamente ligado à alimentação de uma cadeia produtiva operante a partir da lógica mercantil; caracterizada pelo colonialismo, pela manufatura e pela busca de acumulação de riquezas como proporcionalmente direta ao desenvolvimento de um país e, fatalmente, aliada a valores de exploração (humana, ambiental, animal), lucratividade, competitividade, domínio e rentismo.

Não à toa o turismo é visto, sobretudo, como fonte de receita, acima de qualquer outro atributo. Essa característica é a mais encontrada nas descrições relacionadas ao turismo, tão inerente ao próprio conceito de “turismo” que é difícil imaginar o que pode vir a ser o turismo que não seja construído a partir da lógica do agenciamento, da lucratividade e de proposições mercadológicas. Sob a ótica do agenciamento, lugares passam a ser vistos como destinos turísticos; destinos turísticos, por sua vez, representam ativos; como ativos, passam a investir na gestão turística como capitalização e em prol da competitividade (seja ela de escala municipal, nacional ou global), a fim de se tornarem, cada vez mais, investimentos atraentes para o capital estrangeiro. Por certo, o turismo é justificado pelo seu poder econômico e do mesmo modo é validado a partir desse mesmo aspecto. O caráter econômico do turismo é reforçado pelos indicadores estabelecidos que levam em consideração números de chegadas, partidas, gastos e conta-satélite de um destino (o Indicador de Competitividade do Turismo Nacional¹⁵ como uma expressão desse arranjo), capazes de atestar o desempenho de um destino como caso de “sucesso” ou de “fracasso”; sem que haja, ainda, o advento de um indicador que seja capaz de mensurar a saúde socioambiental do desenvolvimento turístico em questão, sendo,

¹⁵ Desenvolvido pelo Ministério do Turismo, Sebrae e Fundação Getúlio Vargas, realizado de 2008 a 2015.

“sucesso” e “fracasso” avaliações demasiadamente relativas.

O turismo é uma atividade econômica e o sucesso ou o fracasso de um destino turístico é alcançado a partir de seu desempenho no mercado. (...) Camisón e Forés (2015) identificam três abordagens concorrentes para analisar a competitividade. A primeira, associada ao território e a vantagens comparativas da localização geográfica. A segunda, relacionada ao paradigma da Estrutura-Condução-Desempenho, considera a competitividade como resultado da estrutura da indústria. A terceira abordagem, originada da Visão Baseada em Recursos (VBR), foca nos ativos disponíveis para a empresa (Barney, 1991).¹⁶

Essa ênfase dada ao potencial turístico como fonte econômica imprime fins tão somente mercadológicos ao turismo, dando origem a consequências sem precedentes. Uma delas é o recorrente questionamento (e, não raro, um preconceito) com relação à profundidade do Turismo enquanto disciplina e sua pertinência ao campo das ciências humanas por parte de outros pesquisadores, tais como arquitetos, historiadores, cientistas sociais, geógrafos, etc. Não é possível deixar de reconhecer a contribuição de tais pesquisadores e profissionais para a construção interdisciplinar do pensar turístico, que se faz mais do que necessária; porém, com frequência, profissionais de campos adjacentes ao turismo são convidados a responder pelo turismo mesmo quando não possuem autoridade ou intimidade suficiente para discursar sobre o fenômeno turístico e suas especificidades, sendo relegado ao turismo um lugar de baixa autoestima; cenário alimentado pela desregulamentação da profissão do Bacharel de turismo no Brasil:

¹⁶ Vieira, D. P., Hoffmann, V. M., Dias, C. N., & Carvalho, J. M. **Atributos Determinantes da Competitividade dos Destinos de Sol e Praia Brasileiros**. RBTUR, São Paulo, 13 (2), p. 128-143, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1557>. Acesso em: 30 maio 2022.

(...) observamos isso na ciência do turismo, a qual é cada vez mais permeada pelo descrédito que advém de duas questões centrais (que se complementam): a primeira, conforme exposto, diz respeito à falta de regulamentação da profissão ou a inexistência de definição legal quanto ao exercício profissional por egressos de cursos superiores de turismo, haja vista que o mundo da educação está atrelado ao mundo do trabalho; e a segunda refere-se ao teor das discussões acerca do turismo promovidas pela maioria dos cursos de formação superior (sendo a maioria, atualmente, tecnológicos), as quais estão quase que exclusivamente limitadas a aspectos descritivos e estatísticos afinados às “loucuras da razão econômica” (em referência à obra de David Harvey assim intitulada). Se esse movimento não é único, ele é dominante, e constitui-se em verdadeira apologia (que alguns insistem em chamar de estudos) do e para as forças brutas do mercado, as quais apoiam, se necessário for, governos totalitários. Ressaltamos que esses fatos têm contribuído com a escassez, nos cursos de turismo, de pensadores pesquisadores e, portanto, com a fragilização do próprio campo de investigação (MARTONI, 2021, p. 24-25).

Outra consequência é a de que, visto tão somente como atividade econômica e suas contribuições limitadas ao mercado financeiro global, o turismo como produto de consumo é o que move as parcas boas intenções de gestores públicos com relação à iniciativas de projetos de escala municipal, regional ou nacional que envolvam o desenvolvimento local atrelado à atividade turística, dando origem às diversas mazelas que assombram as dimensões do planejamento turístico - bem conhecidas por turismólogos - e responsáveis pela difamação do turismo como atividade de natureza essencialmente destrutiva e exploratória. Ainda,

No cotidiano a temática do turismo sofre do estereótipo de ser entendido como uma atividade destinada exclusivamente à viagens das classes sociais abastadas,

esse processo de compreensão elitista que o termo turismo padece mascarando uma realidade social extremamente desigual que colabora para que o mesmo seja visto como inexpressivo no conjunto das políticas públicas formuladas pelo Estado brasileiro e podemos dizer Latino Americano (SANTOS FILHO, 2004, p. 2).

Nesse sentido, outra consequência - de todas a mais ruinosa - é o profundo desígnio da concepção do turismo como produto de consumo comercializado para poucos e vivido por poucos no imaginário social. O resultado disso é a descomunal parcela de pessoas que desconhecem e não se reconhecem em suas práticas turísticas. Assim, o bate-volta do litoral, a visita aos familiares no interior ou um passeio no centro da cidade são vistos com descrédito e passam despercebidos pelos olhos daqueles que tendem a viver uma vida presa à uma subalternidade colonizada internalizada, perseguidos pela vergonha e/ou culpa da privação material e do inaccessível da viagem como experiência mercantil, gerando, assim, uma extensa baixa autoestima em pessoas que, em muitas vezes, são guardiãs das histórias e dos fazeres que o *trade* turístico sadicamente sequestra como indicador de autenticidade, imprescindível para a criação de um *storytelling*.

A predominância da lógica mercantil no *modus operandi* do *trade* turístico é a mesma que atravessa as relações humanas situadas na modernidade e pós-modernidade. O neoliberalismo, vivido através da financeirização e digitalização do capital, acentua um modo de ser e estar no mundo calcado na heteronomia dos sentidos, na anestesia generalizada e nas formas compulsórias do sofrer, o que Patzdorf (2020) denomina somatopolítica neoliberal¹⁷, responsável pelos “estados informados de mal estar”.

O corpo, aparelhado ao capitalismo, que sofre da contínua exploração da sua força e inteligência, é o mesmo que, esgotado e desencantado, procura no turismo - através de suas inúmeras tipologias - uma experiência que possa lhe oferecer certa garantia de vitalidade e encantamento. A hospitalidade - esse pilar tão caro à hotelaria - passa a ser de interesse moderno, resgatada como uma estratégia de customer relationship management (CRM) e business management, desenhada a partir de escolas francesas e americanas para servir ao turismo, ao invés de ser tida como um valor ancestral que conduza uma prática humana diária, traço sintomático de um modo capitalista de ser e se estar no mundo.

¹⁷ PATZDORF, D. **Artista-educa-dor**: A somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 40, p. 1-28, 2021. DOI: 10.5965/1414573101402021e0101. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/19373>. Acesso em: 30 maio. 2022.

Para além da discussão sobre seu cientificismo ou não, o que se propõe aqui é uma provocação a respeito da natureza do percurso epistemológico do Turismo. Urge, primeiramente, (re)pensar as razões e bases teóricas nas quais o turismo é concebido. Sob a ótica de diferentes autores, definições teóricas e metodológicas a respeito do turismo compartilham entre si um corpo teórico fundado por uma abordagem cartesiana, dialética, positivista, sistêmica e estruturalista, apoiada em uma monocultura eurocêntrica do fazer turístico e da produção científica.

O ocidental-centrismo, ou eurocentrismo, se manifesta em diferentes lugares e de diferentes formas no saber e no poder expostos pela divisão imperial/colonial que não se finda com o advento da República e a independência formal dos Estados. Apesar de existirem importantes grupos de pesquisas no Brasil (...) ainda é incipiente a produção teórica contemporânea alinhada com o rompimento com o ocidental-centrismo (...) (AGUIAR, 2018, p.12).

O turismo, enquanto fenômeno social, está indiscutivelmente indissociado da vida; a vida, então, é sua própria medida, a expressão de sua própria ciência. Tendo isso em vista, é possível afirmar que para a melhor compreensão da natureza científica do turismo como campo disciplinar, talvez fosse mais proveitoso investigar o turismo a partir da escala da singularidade.

Quais seriam os primeiros postulados de uma ciência nova no campo do conhecimento contemporâneo? Ciência nomotética ou ciência idiográfica? Ciência da natureza ou ciência do espírito? Se essas antigas divisões do conhecimento ainda valerem alguma coisa, poderíamos compreender a Turismologia como ciência da realidade, das realidades particulares (...) (FLORES, 2005, p.3).

3.3

TURISMO: A VIDA COMO MEDIDA. CONTRADIÇÕES, POSSIBILIDADE EPISTEMOLÓGICA E FERRAMENTA DE REINVENÇÃO DA REALIDADE

O Sistema de Turismo (SISTUR) idealizado por Mário Beni em 1998 e reproduzido por outros autores como modelo sistêmico referencial não dá conta, então, da expressão do fenômeno turístico em sua amplitude, espontaneidade e organicidade. Soma-se a isso o fato de que, a vida, como matéria, carrega em si a contrariedade como essência de sua complexidade. Seria, então, impossível suprimir as contrariedades de uma ciência que se constrói em torno da práxis humana. Tão pouco faz sentido dizer que o Turismo como campo disciplinar deva limitar-se a análises dicotômicas; essa ânsia corresponde ao ímpeto cartesiano de separar razão e emoção, corpo e alma, sagrado e profano, responsável pela origem de uma profunda esquizofrenia quádrupla, ou seja, a desintegração entre o que se pensa, o que se diz, o que se sente e o que se faz. Somado à sua juventude como área de estudo transdisciplinar, é nesse sentido que o Turismo apresenta-se como campo rico a ser explorado em suas possibilidades epistemológicas.

O procedimento para avançar na teoria do conhecimento é o respeito que temos que ter a outros enfoques epistemológicos que fundamentam a existência de uma academia progressista, produtiva, democrática que deve sempre resguardar a busca incansável da verdade científica com profundo grau de tolerância diante de outras epistemes, pois é esse procedimento que traz o conhecimento científico (DOS SANTOS FILHO, 2004, p. 4).

Partindo dessa premissa, há de se ponderar sobre a flexibilização do entendimento ou a inauguração de um novo modo ou, ainda, novo(s) modo(s) de compreender o turismo, considerando-se que

(...) uma investigação do tipo causal explicativa deve ser superada para entrar em um tipo crítico-reflexivo-interpretativo que permita pensar, repensar, desvendar, desvelar, denunciar o turismo, tanto para a produção de seus conhecimentos específicos quanto para a condução das atividades relacionadas, fazendo-as repousar no conhecimento preciso que se tem sobre ele, para além das discussões triviais sobre se é uma ciência, se é uma produção teórica ou conhecimento aplicado, etc. (DE AZEVEDO SAMPAIO, 2022, p. 5).

A episteme que se assume aqui vai de encontro com o que Moesch elucida:

O saber de Turismo não é linear. Não há evolução, mas “revolução”, progredindo por reformulações, por refusões em seu corpo teórico, por retificações de seus princípios básicos. (...) O tratamento disciplinar que vem sendo dado ao estudo do Turismo – e daí a dificuldade em sua compreensão como uma totalidade fenomênica – faz parte do contexto da produção do conhecimento científico moderno. (...) A tradição dos estudos 37 monodisciplinares trouxe ao turismo um reducionismo na compreensão de sua episteme, como uma banalização em suas conceituações e consequentemente sua denominação ora como indústria, negócio, atividade, setor, entre outras (...) O estudo do Turismo requer um questionamento sistemático de tudo que envolve o fazer-saber turístico, e do que se quer fazer; o saber turístico é e será objeto de desconstrução permanente (MOESCH, 2016).

De fato talvez o Turismo seja melhor entendido a partir da sua indisciplina do que a partir da sua disciplina, como acredita Tribe (1997), e é nessa direção que essa pesquisa avança. Será apenas a partir dessa revisão que um outro Turismo poderá vir a responder por outras realidades; caso contrário a atividade turística estará fadada à convivência com algum tipo de exploração (seja ambiental, animal ou humana), à serviço perpétuo de um mercado predatório que promove a venda de destinos e povos.

Em sintonia com o que Allis (2014) elucida, urge a necessidade de se repensar quem é o turista e qual é o turismo que hoje se articula de outras formas na contemporaneidade, levando em consideração, por exemplo, os deslocamentos do novo mundo urbano globalizado e suas mobilidades. A crescente expansão da malha urbana coloca em voga os deslocamentos cotidianos, cada vez mais maiores, pondo em cheque as definições estanques de “turista”, “excursionista” e “visitante”¹⁸, tornando-se cada vez mais insustentável considerar que o turismo possa estar restrito tão somente às definições da OMT. Haveriam, então, muito mais turistas e muito mais turismos do que se imagina, ao invés de excursionistas e lazeres. Cabe aos turismólogos a reivindicação da palavra “turismo” para a construção de novos significantes e serventias.

No caminho a ser percorrido pelo turismo rumo a uma epistemologia, muitos pontos importantes que vão do debate à construção das teorias próprias ainda estão em curso. É perceptível que há um ponto inicial a ser fundamentado, que diz respeito a busca da própria conceituação do turismo, e do uso comum da palavra, que ora é abordado como indústria, atividade, setor da economia e ora como fenômeno complexo das múltiplas relações produzidas e em produção pelo sujeito. (...) Há, portanto, a necessidade do estímulo a produções que não reduzam o turismo a um segmento de mercado, mas sim, formulações de problemas que desvelem a episteme complexa e subjacente (DE AZEVEDO SAMPAIO, 2022, p. 8).

¹⁸ Visitante: indivíduo que se desloca a um local situado fora do seu ambiente habitual, por um período inferior a 12 meses, cujo motivo principal é outro que não o exercício de uma atividade remunerada no local visitado; Turista: visitante que permanece, pelo menos, uma noite num alojamento coletivo ou particular no lugar visitado; Excursionista - visitante que não pernoita no lugar visitado (INE).

O âmago do turismo como fenômeno social reside e sempre residirá na experiência da troca - humana, não mercantil. Essa, ao que me parece, é a responsabilidade e o legado dos turismólogos como categoria perante o desenrolar dos tempos e todos aqueles que tentam definir o turismo como mero produto equacional de um sistema de capital.

Faz-se necessário a promulgação de uma “ciência artesanal que se tece por meio da paixão, da respiração, daquilo que compartilhamos em coletivo; comprometida com a vida, porque se reconhece como parte dela”, como sugere Cusicanqui.¹⁹

Só assim é possível inaugurar novos sentidos, modos de viver e realidades outras que não sejam baseadas na destruição da natureza, no adoecimento das relações e no sequestro da vida. É impelida por essas reflexões que apresento a Ocupação 9 de Julho, mais especificamente através do projeto Cozinha Ocupação 9 de Julho como a materialização da possibilidade de reinvenção da realidade, que por vezes se mantém tão distante do academicismo e por outras se apresenta tão crua, como aqui. Dessa forma me interessa explorar a possível existência do fenômeno turístico a partir de um caso completamente dissociado do trade turístico e, portanto, dissociado dos pressupostos mercadológicos da atividade turística. É nesse lugar de não-mercado que o turismo se revela, verdadeiramente, como ferramenta capaz de dar voz a novos interlocutores e protagonistas, sobretudo àqueles que encontram-se à margem de qualquer boa intenção.

¹⁹ TORINELLI, M. **A experiência de uma sociologia que se tece por meio da paixão e do coletivo.** Brasil de Fato, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/26/a-experiencia-de-uma-sociologia-que-se-tece-por-meio-da-paixao-e-do-coletivo>. Acesso em: 31 jan. 2022.

4 O MUNDO AINDA É UMA DELICADEZA RARA

4.1
A SOLUÇÃO NÃO É TECNOLÓGICA, É
AFETIVA:
OCUPAÇÃO 9 DE JULHO

As cidades são, inquestionavelmente, o palco de nossas vidas. Testemunhas dos leões de Roma, do reinado de Cleópatra, as navegações vikings, a pandemia do coronavírus e também de nossos amores, as cidades podem ser inúmeras dentro de uma só, capazes de abrigarem o encantamento, o assombro e a angústia, fundadas sobretudo pela disputa de poder pelo direito à sobrevivência, narrativa, deslocamento, memória, pertencimento e enraizamento. Enraizamento, sim, pois como as plantas, os seres humanos possuem relação simbiótica com o ambiente em que vivem, tão necessitados de água, sol, nutrientes e espaço para crescerem como qualquer outra angiosperma - aquelas que se caracterizam por apresentarem flor e fruto. É verdade que, mediante as condições do solo, as estações do ano e até mesmo a ausência de polinizadores, certos frutos e flores podem nunca amadurecer ou desabrochar. De certa forma o mesmo acontece conosco. Ainda sim, no ambiente das metrópoles, como no caso de São Paulo, por pura perseverança, alguns milagres insistem em acontecer, como que para contrariar os descrentes. Como, em uma terra tão sofrida, marcada por chuvas intermitentes e golpes de violência de variadas naturezas, apesar de toda a dor, pode haver gente dançando e fazendo das tripas coração? A história da Ocupação 9 de Julho é uma dessas histórias onde encontramos a capacidade humana de se reinventar presente e pulsante.



Era uma casa muito engraçada: não tinha teto, não tinha nada. Ninguém podia entrar nela não, porque na casa não tinha chão. Ninguém podia dormir na rede, porque na casa não tinha parede. Por isso Ricardo se aninha sobre sacos pretos de lixo que finge ser colchão, e dorme embaixo do asfalto, entre um monte de terra e o concreto, dentro de um buraco no viaduto do Tatuapé. O fogo afasta ratos e baratas. As entranhas do viaduto, ao menos, têm a vantagem de serem secas, diz ele. Já Maiara e Rogério lidam com a umidade por serem vizinhos do rio Tietê. Maiara ainda faz questão de tomar banho todos os dias.²⁰ Coisa que a família de Kamila e Odair também fazem no banheiro público instalado na Sé pela Prefeitura. Se revezam de noite para ficarem acordados tomando conta do carrinho de supermercado e da barraca com lona onde eles e os filhos dormem, junto da cachorrinha Vampira.²¹



4.2 OCUPAÇÃO 9 DE JULHO COMO DIREITO À CIDADE E DIREITO À MORADIA

²⁰ PEREIRA, Felipe. [Nas entranhas](#). TAB UOL, 2021. Acesso em: 22 jan. 2021.

²¹ ARAÚJO, Mateus. [Tragédia à brasileira](#). TAB UOL, 2021. Acesso em: 23 nov. 2021.

Segundo o IBGE, a [taxa de desemprego](#) bateu recorde no primeiro trimestre de 2021, atingindo 14,8 milhões de brasileiros. Durante a pandemia, a quantidade de brasileiros vivendo com menos de 246 por mês saltou de 24 milhões (2019) para 35 milhões (2021), [segundo a FGV](#). Do outro lado da balança está o aumento exponencial do precariado uberizado, que no Brasil já representa a soma de 1,4 milhão de trabalhadores autônomos que trabalham como motoristas e entregadores de aplicativos ([IPEA, 2021](#)), vítimas de relações de trabalho cada mais vez exploradas e silenciadas, marcadas pela escravidão digital e pela desregulamentação dos direitos trabalhistas (ANTUNES, 2020), sintoma de uma economia de espoliação em massa e de um país em ruínas.

Os dados do desemprego acompanham os dados da fome, que passou a perturbar o estômago de muita gente nos últimos meses. [Com a inflação mais alta desde 1996](#), 116,8 milhões de brasileiros não tiveram acesso permanente a alimentos em 2020, de acordo com a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar²². No Brás, [para manter o PF a \\$8](#), a carne teve que sumir. Um sanduíche de queijo com refrigerante passou a ser a refeição principal de Regiane: “Não é aquilo que eu queria comer, mas é o que eu posso.”

A falta de emprego empurrou a família de Odair pra rua. Até o início de 2021, ele vivia de bicos como pedreiro, encanador, pintor e eletricista. “O dinheiro que eu recebia era muito pouco, às vezes ganhava R\$ 100 por mês. Fiquei desempregado e falei pra Kamila que não dava mais (...) Vendemos as coisas, pegamos os filhos e as roupas, compramos esses dois carrinhos de feira e viemos para rua”.

A família de Odair e Kamila entrou para a alarmante estatística da população em situação de rua em São Paulo: segundo um levantamento feito pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), o número de pessoas morando

²² ARAÚJO, Mateus. op. cit.

na rua em 2021 correspondia a 31.884, [7.540 pessoas a mais](#) do que o registrado em 2019, sendo que 7.540 pessoas equivalem a toda a população em situação de rua no estado do Rio de Janeiro, segundo a prefeitura de São Paulo; o equivalente a um crescimento de 31% em 2 anos, durante a pandemia do SARS-Cov-2. Em 2015, essa relação era de 15.905 pessoas em situação de rua.

É possível que mesmo os números do censo estejam subestimados. (...) No final de 2021, a ONG Movimento Estadual da População em Situação de Rua estimou, com base no atendimento aos sem-teto, como distribuição de comida, que a cidade já tinha mais de 66 mil pessoas nas ruas, quase o dobro do que foi apontado no censo da prefeitura. ²³

O levantamento também revelou um aumento de 330% no número de “moradias improvisadas” com barracas de camping e barracos de madeira instalados em vias públicas, que parecem ser muito mais vantajosas em comparação aos abrigos e Centros Temporários de Acolhimento (CTA), já que

Oito centros de acolhimento à população de rua em São Paulo reúnem problemas como teto ruindo, fezes de pombos em colchões e percevejos. É o que aponta um relatório da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal (...) No quesito segurança, o relatório mostra que 88,9% dos espaços visitados apresentavam questões de segurança que ameaçavam a integridade física e psicológica dos usuários. (...) foi descoberta a presença de gás metano no terreno, contaminado. ²⁴

²³ BERTONI, Estêvão. [A mudança no perfil da população em situação de rua em SP](#). Nexo Jornal, 2022. Acesso em: 30 maio 2022.

²⁴ MENON, Isabella. [Centros para população de rua têm teto ruindo, fezes de pombos e percevejos](#). Folha, 2022. Acesso em: 31 maio 2022.



E o perfil nunca foi tão heterogêneo, sendo que histórias como a de Odair e Kamila se repetem com o aumento da presença de famílias inteiras na rua:

Quando trabalhavam, Maxwell e Verônica recebiam, juntos, cerca de 2.500 reais por mês. Não é muito para uma cidade cara como São Paulo, mas era o suficiente para pagar um aluguel de 800 reais numa casa de dois quartos no bairro do Belém, na Zona Leste da capital. “A gente tinha tudo. Mas quando perdemos o trabalho, não tivemos mais condições de pagar aluguel e fomos para a rua. (...) A rotina da família mudou completamente desde que ficou sem teto. Durante o dia, os adultos, quase sempre acompanhados dos dois meninos, espalham currículos pelas empresas e comércios na esperança de conseguir um trabalho. (...) O café da manhã é servido no abrigo da Prefeitura, mas estão sempre em busca de doações para as demais refeições. Seus filhos estudam em escolas municipais nos bairros de Santa Cecília e Bela Vista, mas o vaivém das restrições afetou a rotina de aulas, de lazer e a vivência com outras crianças, assim como a flexibilidade de trabalho de seus pais.²⁵



fig. 15

Em meio a tanta gente sem teto, há também muito teto sem gente. De 30 mil imóveis vazios em São Paulo ([G1, 2021](#)), aproximadamente 666 que estão localizados no Centro da cidade descumprindo a função social da propriedade²⁶ já foram notificados pela Prefeitura ([O Globo, 2022](#)). Isso se explica pois “vivemos em um mundo no qual os direitos de propriedade privada e a taxa de lucro se sobrepõem a todas as outras noções de direitos em que se possa pensar”, (HARVEY, 2014, p. 27) somado a uma política neoliberal que também dita a política habitacional, fundada pela absorção do capital excedente através do mercado imobiliário, responsável por nutrir um ciclo de especulação fundiária que instaura a moradia como mercadoria, e não como direito:

A propriedade imobiliária (real estate) em geral e a habitação em particular configuram uma das mais novas e poderosas fronteiras da expansão do capital financeiro. A crença de que os mercados podem regular a alocação da terra urbana e da moradia como forma mais racional de distribuição de recursos, combinada com produtos financeiros experimentais e “criativos” vinculados ao financiamento do espaço construído, levou as políticas públicas a abandonar os conceitos de moradia como um bem social e de cidade como um artefato público. As políticas habitacionais e urbanas renunciaram ao papel de distribuição da riqueza (...) para se transformarem em mecanismo de extração de renda, ganho financeiro e acumulação de riqueza. Esse processo resultou na despossessão massiva de territórios, na criação de pobres urbanos “sem lugar”, em novos processos

²⁵ BETIM, Felipe. op. cit

²⁶ Medida presente na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Cidade (2001), incorporada ao Plano Diretor Estratégico de São Paulo em 2014 (Lei 16.050/2014), que prevê a legitimidade do exercício do direito de propriedade privada desde que condicionado ao cumprimento de uso efetivo em prol coletivo. Assim, imóveis subutilizados ou ociosos são passíveis de fiscalização pelo Poder Público pelo qual qualquer pessoa (física ou jurídica) pode indicar imóveis para serem fiscalizados (art. 101), sendo prevista a aplicação de três instrumentos como pena: Parcelamento, Edificação e Utilização Compulsórios (PEUC), Imposto Predial Territorial Urbano Progressivo no Tempo (IPTU Progressivo no Tempo) e Desapropriação do imóvel mediante pagamento em títulos da dívida pública ([LABHAB](#)).

de subjetivação estruturados pela lógica do endividamento, além de ter ampliado significativamente a segregação nas cidades (ROLNIK, 2019, p.14-15).

A ausência de moradias a preços acessíveis no centro da cidade empurra os menos favorecidos para as franjas da metrópole, onde conseqüentemente passam a conviver com as longas distâncias e a inacessibilidade de serviços, infraestruturas, espaços e oportunidades, tendo seu direito à cidade limitado pela habitação. Dessa forma, o direito à cidade, cunhado por Lefebvre (1968) está indissociado do direito à moradia em sua dimensão socioespacial como acesso e uso de recursos urbanos, tendo surgido “das ruas, dos bairros, como um grito de socorro e amparo de pessoas oprimidas em tempos de desespero” (HARVEY, 2014, p.15), sendo, ainda, um significativo vazio, que, para Harvey (2014) pode ser reivindicado tanto por empreiteiros e financistas como pelos sem-teto e *sans-papiers*, a depender de quem conferirá ao significativo um significado, revolucionário ou reformista.

A atuação dos agentes e suas distintas formas de apropriação do espaço urbano influenciam significativamente nas condições de acesso ao solo (principalmente à moradia) pela população. Enquanto para os diferentes tipos de capital a cidade é somente um valor de troca, como forma e/ou produção de mais-valia ou renda da terra, para a força de trabalho significa valor de uso, uma produção para o bem-estar, para a vida. Assim, “o que é valor de uso para um é valor de troca para outro (...)” (CAMINHA, 2017, p.3).

Como resposta a isso, os movimentos urbanos de luta por moradia despontam na cidade, promovendo a ocupação de imóveis ociosos e a sua (re)abilitação como espaço de convivência e abrigo, tornando-os uma alternativa ao acesso à moradia frente ao crescimento indiscriminado da especulação imobiliária. A ocupação desses imóveis não é feita de maneira aleatória; ocupa-se apenas locais vazios e que historicamente vêm acumulando dívidas

relacionadas a impostos e problemas cartoriais, representando, na maioria das vezes, verdadeiros imbróglios jurídicos.

A expressão máxima desse processo se deu com as ocupações de imóveis ociosos no centro da cidade, iniciadas em 1997 pelos movimentos de moradia da capital paulista (...) foram realizadas cerca de 105 ocupações em imóveis vazios no centro de São Paulo entre 1997 e 2012. Nesse período, movimentos deram início a um processo de ocupação de edifícios públicos e privados que encontravam-se vazios ou subutilizados, como forma de pressionar o poder público a produzir habitação popular no Centro da cidade – área privilegiada por já contar com infraestrutura e oferta de empregos – e a dar utilização aos imóveis vazios, combatendo, assim, a especulação imobiliária.²⁷

A descontinuidade de gestões públicas municipais e a não fiscalização e acompanhamento dos imóveis notificados promovem a baixa efetividade da aplicação dos instrumentos urbanísticos citados. Além disso, os interesses especulativos do mercado imobiliário somam-se à criminalização dos movimentos de moradia por parte do poder público e da imprensa, que trabalham pelo forjamento de estereótipos, execução de despejos e manutenção de uma tratativa de austeridade frente à luta popular por moradia.

Fato é que a grande propriedade urbana ainda está concentrada em poucas mãos. Os exemplos concretos estão à vista quando os dados do IPTU da cidade de São Paulo são abertos e constatamos (...) que um só proprietário concentra sozinho 93 mil metros quadrados no centro. Esses latifundiários urbanos, além de dificilmente garantirem a função social dessas propriedades, contam com todas as defesas e recursos judiciais e administrativos possíveis, para evitar ocupações, como interditos proibitórios assegurados por forças de segurança

²⁷ TRINDADE, T. [A importância e a legitimidade das ocupações em áreas centrais](#). LabCidade, 2015. Acesso em: 2 jun. 2022.

pública, como Polícia Militar. Assim, são vários os modernizados mecanismos para que a aplicação da lei descarte a interpretação mais social que se pode fazer dela.²⁸

Os movimentos de luta por moradia, são, em essência, responsáveis pela denúncia do agenciamento das cidades a partir da exclusão socioespacial. Através da ação política direta, os movimentos de luta por moradia promovem o usufruto da cidade a partir da mobilização coletiva e guiados por um forte senso de auto-organização e autoconstrução, na reivindicação de políticas habitacionais, diálogo com o poder público e destinação de imóveis para locação social.²⁹

As ocupações mostram caráter libertário e anticapitalista, a partir do antiautoritarismo, da crença na democracia direta e na auto-organização social, do predomínio da ação direta e da crítica constante aos órgãos repressivos do Estado. (...) O ato de okupar é uma interferência direta nas operações capitalistas de acumulação e nas regras do mercado habitacional e urbano (CAMINHA, 2018, p. 5 e p.6).

Mesmo assim,

²⁸ BEDESCHI, L. [O que está por trás da difamação e da criminalização das ocupações?](#) LabCidade, 2018. Acesso em: 2 jun. 2022.

²⁹ No caso brasileiro, a alocação social ainda não se constitui como política estruturada de efetivação do direito à moradia e as experiências nacionais conhecidas são pontuais. É considerada uma alternativa de capacidade de recuperação de estoque imobiliário antigo (IPEA, 2015.). Esse instrumento visa proteger imóveis da especulação imobiliária. O imóvel não pode ser vendido ou alugado pois estará sob custódia do poder público, ou seja, não estará disponível para o mercado imobiliário. A alocação social é voltada para pessoas e famílias com renda de um até três salários mínimos, ou renda per capita familiar inferior a um salário mínimo, assim moradores não correm o risco de despejo diante da oscilação do valor do aluguel (Kohara, Camaru & Ferro, 2015 apud BRACONI, 2017).

(...) boa parte da esquerda tradicional tem dificuldade de apreender o potencial revolucionário dos movimentos sociais urbanos. Em geral, são subestimados como meras tentativas reformistas de lidar com questões específicas (e não sistêmicas), que então terminam por ser considerados nem como movimentos verdadeiramente revolucionários nem de classe (...) Se é que os movimentos urbanos chegam a ser, de fato, levados em consideração, são tipicamente interpretados como meros desdobramentos ou desvios dessas lutas mais fundamentais (HARVEY, 2014, p. 17 e p. 217).

Tendo em vista que as ocupações de imóveis ociosos referem-se a um movimento urbano mundial e heterogêneo, e, no entanto, específico ao contexto local que se desenvolve (CAMINHA, 2017, p. 4), torna-se pertinente e necessário o recorte geográfico de um desses movimentos. A FLM (Frente de Luta por Moradia) é uma rede que foi fundada em 2004 por 11 movimentos de moradia filiados e espalhados por todo o Brasil, que sintetizam ao todo aproximadamente 40 ocupações³⁰, entre terras e edifícios. Desses, 2 movimentos atuantes em São Paulo atuam particularmente no centro da cidade, a saber: MMCR (Movimento de Moradia Central e Regional) e o MSTC (Movimento Sem Teto do Centro); este último, especificamente, nascido em 1997, dentro da Ocupação 9 de Julho³¹- que, para todos os efeitos, não é revolucionária - e sim a própria revolução.

³⁰ Informação obtida em 2022 no painel do MSTC na Ocupação 9 de Julho, que cita o MSTC Livro I.

³¹ MSTC. [Perguntas frequentes](#).

“Dia de festa”: é assim que é batizado o dia de ação direta em que as famílias do movimento sem-teto entram pela primeira vez em um imóvel que fora estudado durante meses para ocupação. Esse costuma ser um dia turbulento. É na calada da noite que o movimento se dirige até o imóvel - mulheres, homens, crianças - e todos entram em um imóvel abandonado, cujos ratos, baratas e morcegos são os únicos residentes quiçá a anos. O caminho é aberto a golpes de machadadas e picaretadas pela “comissão de frente”, que se reveza para quebrar o concreto³². Aberta uma passagem, todos entram e se guiam por luzes de lanternas na escuridão. É necessário resistir à violenta ação policial de tentativa de reintegração de posse com barricadas por pelo menos 24h³³. Após a investida bem sucedida, tem início um extenso mutirão de limpeza e reparo do imóvel. Sacos e sacos de lixo são retirados de dentro do edifício; pedreiros e eletricitas de formação começam uma vistoria técnica e realizam pequenos reparos nas fiações e tubulações, até que a energia elétrica e a água sejam (re)estabelecidos; escadarias e salões são limpos com sabão e vassoura, paredes são pintadas. Dia 28 de outubro de 2016 marca o dia de festa do Edifício 9 de Julho, que hoje felizmente abriga a Ocupação 9 de Julho, que consta no nº 427 da Rua Álvaro de Carvalho, na Bela Vista. O Edifício 9 de Julho é um resquício da Era Vargas, projetado em 1940 para uso misto como sede da repartição pública de São Paulo do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (IAPETC), algo que nunca chegou a se concretizar de fato, por conta de mudanças na autarquia da instituição. Abandonado desde 1970 por 46 anos, o imóvel, de 14 andares, 67 apartamentos e 8.300 m² de área construída, desde 2016 é o CEP de 128 famílias (aproximadamente 500 pessoas). Com 11 andares destinados a apartamentos, 2 cozinhas coletivas e outros espaços multiusos, a ocupação é liderada pelo Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), cuja líder é Carmen Silva.

4.3 OCUPAÇÃO 9 DE JULHO COMO RITUAL, FLORESTA E CEIA: AUTOGESTÃO, SINERGIA E ORIGINALIDADE

³² LEVA. Direção: Juliana Vicente e Luiza Marques. Brasil: Preta Portê Filmes e Canal Futura. 1 filme (55min), 2011.

³³ A lei brasileira prevê o direito da ação policial de despejo de qualquer ocupação sem mandato judicial no período de até vinte e quatro horas (BRACONI, 2017 apud MURAD, 2019).

Conselheira do Conselho Participativo da Cidade de São Paulo (Distrito Sé), membro do Conselho Municipal de Habitação e atuante na construção de propostas de HIS, a baiana, retirante, mãe solo de 8 filhos, sobrevivente de violência doméstica, que dormiu nas ruas de São Paulo em 1990 e que já tirou mais de 3 mil pessoas debaixo de viadutos³⁴, parece mais uma força da natureza, encarnação da frase “QUEM NÃO LUTA TÁ MORTO”, que ecoa dentro das ocupações do MSTC como um mantra. É significativamente simbólico que o dia da ocupação de um imóvel seja batizado de “dia de festa”. O levante da Ocupação 9 de Julho inaugurou, naquele primaveril outubro de 2016, a emergência de uma nova sensibilidade - que, sugiro, deva-se estender-se ao Turismo.

Em dezembro de 2017, teve início a elaboração do projeto que se chamaria “Cozinha Ocupação 9 de Julho”: a proposta de encontros mensais para cozinhar e comer junto, idealizado pelos ocupantes em conjunto com o coletivo Aparelhamento³⁵, que na época promovia a mostra-leilão-protesto “Aparelhamento Contra o Golpe de Estado no Brasil! Pela Democracia” na Funarte³⁶. A aproximação dos artistas e dos moradores aprimorou espaços e projetos já existentes no regimento interno do MSTC (como a cozinha coletiva e a Horta Comunitária Marisa Letícia, sempre presentes em todas as ocupações coordenadas pelo movimento), assim como deu origem à outros projetos adjacentes: a Galeria Reocupa; a Oficina de Arte MSTC; a Oficina de Marcenaria; o Projeto Escadaria; a anual Festa Junina da 9 de Julho e o CineOcupa³⁷. A divulgação do primeiro almoço do projeto nasceu no dia 25 de março de 2018, através no que era a recém criada conta de Instagram do projeto, @cozinhaocupacao9dejulho. O cartaz divulgando o primeiro almoço teve apenas 23 curtidas.

³⁴ Movimento Sem Teto do Centro. [Carmen Silva](#).

³⁵ Coletivo criado em 2016 e que se define como um grupo aberto de mais de 150 artistas [que realizam intervenções artísticas](#) “contra o GOLPE de Estado em curso no Brasil e pela democracia.”

³⁶ Fundação Nacional de Artes.

³⁷ MSTC Livro I.

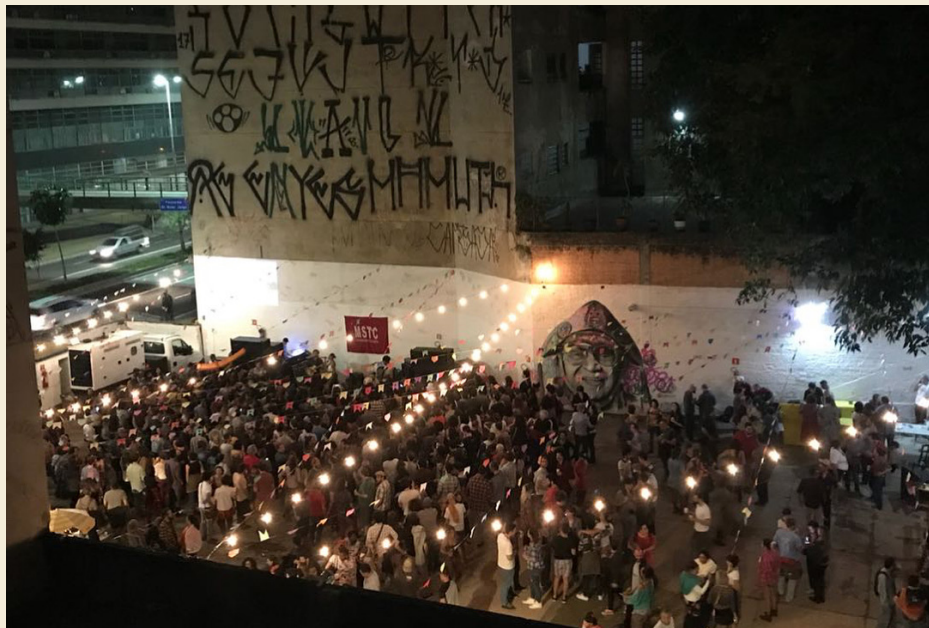


Aos poucos o projeto foi tomando corpo, ou melhor: corpos. O espaço disponível do lado de dentro do prédio para degustar as refeições foi ficando pequeno e teve que se expandir também para o lado de fora do edifício, em um dos pátios do terreno. Ao menos 60 moradores da Ocupação estão reunidos na equipe fixa do projeto, que elegeu os domingos como o dia da semana em que os almoços mensais aconteceriam. A ideia era a de que chefs de cozinha poderiam, voluntariamente, pilotar a cozinha por um domingo. Assim haveria uma troca de saberes entre chefs e moradores, moradores e chefs, de modo que a cada encontro mensal um prato de tradição culinária diferente fosse servido, e assim foi feito. Os almoços já tiveram pratos das culinárias árabe, congoleza, eslava, baiana, judaico-polonesa, entre outras: a Ocupação como aquilombamento e a comida como expressão da polissemia de existências mediadas pelo tempero do encontro.



O público esperado para os primeiros almoços era de 150 pessoas. Os pratos eram vendidos a R\$15 para visitantes e R\$7 para moradores da Ocupação. O último almoço de 2019 aconteceu dia 15 de dezembro: os pratos agora eram vendidos a R\$20 para visitantes e R\$10 para moradores; o cartaz anunciando o último almoço do ano teve 700 curtidas e recebeu um público de 3 mil pessoas. Em 2020, durante a pandemia do coronavírus, MSTC e MST se uniram e lançaram a campanha “Lute como quem cuida”, que estabelecia doação de duas refeições a cada uma vendida para pessoas em situação de extrema vulnerabilidade social, em parceria com a Casa Verbo. As refeições eram preparadas na cozinha da Ocupação 9 de Julho e no Armazém do Campo do MST. Outra forma de apoiar a campanha era doando através da plataforma Benfeitoria³⁸: só em 2020 foram mais de 20 mil refeições saudáveis e orgânicas entregues para quem tinha fome. A campanha na plataforma da Benfeitoria foi encerrada com uma arrecadação de R\$ 75.395 vindos de 615 apoiadores. No entanto, a prática da distribuição de quentinhas a cada prato vendido instaurou-se como política definitiva nos almoços que se seguiram dentro da 9 de Julho, que deixaram de ser mensais e passaram a ser semanais.





Hoje, a conta de Instagram do projeto da Cozinha possui 36 mil seguidores, os pratos passaram a custar R\$35 para os visitantes e R\$15 para moradores; a média de refeições vendidas gira em torno de 600 a 1000 pratos por final de semana.

À medida que foi crescendo, o projeto ganhou identidade visual oficial. Novos materiais de divulgação foram produzidos, inclusive uma linha de produtos. Canecas, caisetas, ecobags e aventais foram postos à venda para quem quisesse adquirir. Hoje, a compra dos produtos pode ser feita tanto presencialmente quanto na [loja online da Cozinha](#), lançada em 2022. A receita dos produtos é revertida para a manutenção dos projetos adjacentes da Ocupação e os próprios almoços.

Logo os envolvidos no projeto se uniformizaram: passou a ser possível identificar aqueles que são a força motriz do evento que tomou proporções turísticas não imaginadas. Turismo que pode ser entendido a partir da construção do espaço geográfico e suas rugosidades materiais e imateriais (SANTOS, 2012), e não estritamente a partir do fator deslocamento envolvido como premissa determinante de sua natureza. Assume-se portanto que:

O terrorismo epistêmico teve a função histórica de, ao negar a possibilidade de pensamento de outros povos, asfixiar a própria potência criativa. Ao rejeitar a capacidade de elaboração de um pensamento sobre o mundo (em suas variadas vertentes: artística, científica, filosófica), com a conseqüente desumanização dos sujeitos, fixados em sua heteronomia, tornou-se possível a tutela subordinadora do conhecimento e a violência física e simbólica inextricáveis ao não reconhecimento dos traços diferenciais de povos que não se enquadravam na lógica dicotômica do pensamento europeu; ou mesmo nos sistemas sociais vinculados à economia dos bens e dos meios de produção capitalistas (REIS, 2020, p.171).







16/12 ALMOÇO DE DOMINGO

DONA CARMEN, LIDERANÇA DO MSTC, SERÁ A CHEF DESSE NOSSO ALMOÇO DE NATAL A PARTIR DAS 12H, NA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO

R\$20 VISITANTE
R\$10 MORADOR

RUA ÁLVARO DE CARVALHO, 427

+ LEITURAS A CÉU ABERTO (N-1 EDIÇÕES)
FORRÓ DAS MINAS E TEKO PORÃ
JAMBROS
DOE BRINQUEDOS NOVOS PARA O NATAL DAS NOSSAS CRIANÇAS

cozinha
ocupação
9 de julho

MSTC
MOVIMENTO SEM-TETO DO CENTRO

APOIO:
CONDOMÍNIO CULTURAL

Tomando como referência o constructo epistemológico citado, entende-se a Ocupação 9 de Julho como representação deste novo devir turístico, a ser inaugurado pela subversão - e não necessariamente supressão - de paradigmas binaristas do “ser turista” e “não ser turista”, “excursionista”, “visitante”, medidos por critérios de deslocamento e permanência.

Para se discutir o sujeito que está no centro da existência do turismo – o turista –, entendemos que é inescapável (...) compreender as relações espaciais no bojo dos estudos urbanos (...). Destas discussões, emergem questionamentos sobre fronteiras, circulação e redes, das quais (...) a possibilidade de reconhecer um “dentro” e um “fora” vai se tornando cada vez mais difícil e, quiçá, anacrônica e mesmo desnecessária. (...) sair de onde e ir aonde? (...) Para o que interessa ao turismo, a figura do “turista” parece ser, sempre, o ponto de partida, quase sempre pré-concebida através de estereótipos (...) ou por convenções monolíticas, normalmente emanadas da Organização Mundial do Turismo. Por outra seara, permitir-nos transitar nesses interstícios disciplinares – estudos urbanos e turismo, se assim podem ser chamados – é uma forma de, com os olhos e o pé nas questões contemporâneas, busca ressignificações para a relação sujeito-espaco para a compreensão e também teorização sobre o turismo (ALIIS, 2014, pp. 4-5, 6, 7, 8).



Apoiando-se em Allis (2014) sobre a linha tênue entre o turista e o não-turista, aqui, então, partindo da liberdade da autora como pesquisadora, utiliza-se e propõe-se o uso da expressão “oferta turística” para descrever os almoços promovidos pela Ocupação 9 de Julho, da palavra “turistas” para descrever os visitantes da Ocupação aos domingos (sejam eles de dentro ou fora de São Paulo); e, por fim, da palavra “turismo” para nomear a prática promovida pelo MSTC a partir do projeto Cozinha Ocupação 9 de Julho, em contraposição a utilização das etimologias e tipologias de “atração cultural”, “visitantes” e “lazer”, respectivamente. É quando então a vivência do extraordinário no ordinário, da onde nasce o turismo, como Urry (2001) sugere, pode se tornar o referido marco teórico - junto à uma noção de intimidade espacial de sujeito-cotidiano - para a construção de novos sentidos disciplinares no campo do Turismo enquanto investigação do escopo turístico que está dado. Na relação simbiótica entre contexto urbano, sujeitos e seus territórios, o projeto Cozinha Ocupação 9 de Julho tem aquilo de mais essencial ao Turismo: as pessoas.

Desde 2017 desenvolve-se o projeto de cozinha coletiva, cujo objetivo é suprir as necessidades do MSTC em relação à alimentação durante suas atividades e promover, através de almoços abertos, uma maior visibilidade à luta por moradia. Uma vez por mês, um chef com experiência é chamado para ministrar um almoço, em uma ação voluntária e aberta ao público. A ideia é que os visitantes e moradores usufruam do espaço coletivo da Ocupação, configurado pela área externa ao ar livre e o terceiro andar, onde localiza-se a cozinha, a marcenaria, a sala multiuso, o refeitório, o brechó, a sala de comunicação e o escritório. Ao longo dos quase quatro anos de realização dos almoços e atuação conjunta com o MSTC, a iniciativa se tornou conhecida na cidade, crescendo e se desdobrando em outras ações. Hoje os almoços incluem uma programação com shows, oficinas e ações de formação e serviços. Oferece incentivo e apoio às atividades dos moradores, a maioria trabalhadores informais e de baixa renda, além de remuneração através do trabalho na própria cozinha.³⁹





À frente do projeto encontramos a presença majoritária de mulheres pretas. Aqui o feminino se expressa como gênero mas sobretudo como dimensão contida na intensidade e delicadeza presentes no tempero, na troca de saberes e na artesanaria dos encontros. Nesse sentido, não se trata de uma competição entre o masculino e feminino como esferas de poder, e sim uma reconciliação com o matrístico - que para Maturana (2011) é a designação da cultura em que homens e mulheres participam de um modo de vida centrado em uma cooperação não-hierárquica, em oposição ao patriarcado e matriarcado, que, para o autor, são duas faces da mesma moeda.

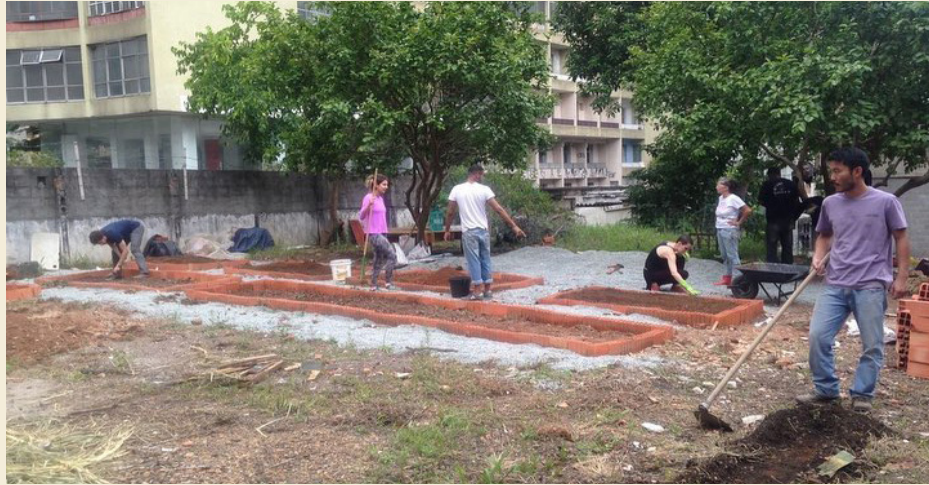
Na Ocupação não há hierarquias entre o preto, o branco, o amarelo, o cristianismo, a umbanda, o candomblé, o espiritismo; há, ao invés disso, uma profunda estrutura alicerçada no respeito e no intercâmbio das diferenças. O afeto declarado, de abraços e beijos, é combustível para a luta, sensibilidade subversiva e arma contra a extorsão da vida.

Nós estamos vivendo o retrocesso no Brasil mas não somos nós que vamos cair no retrocesso dele (...) nós iremos fazer a nossa resistência como nós sempre fizemos. A resistência não é com arma (...) nossa resistência vai ser com a voz, vai ser com canto, vai ser com amor, porque nós somos família, aqui está a verdadeira família, a família que se ama independente de classe, independente de cor, independente de sexualidade. ⁴⁰

⁴⁰ OCUPAÇÃO 9 DE JULHO - QUEM OCUPA, CUIDA. 1 vídeo (17min21s). Canal REOCUPA, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0qQK3dZPt7I&list=LL&index=7&ab_channel=REOCUPA. Acesso em: 20 jun. 2022.













cozinha

ocupação
9 de julho
MSTC

MEGA
CHALLA



A Cozinha 9 de Julho sintetiza, igualmente, o resgate do ato de cozinhar como prática ritualística. O uso das mãos para moer, ralar, lavar, separar e fatiar contribui para o contato tátil e sensorial com o alimento, tão importante para o desenvolvimento motor e cognitivo. O ato de cozinhar restitui o elo entre a Terra, o corpo e as próprias origens, enfraquecendo a aculturação gastronômica. Além disso, há a sugestão do hábito de cozinhar como parte essencial do dia a dia para a promoção da saúde física. O caráter público dos almoços incentiva, por sua vez, o compartilhamento do ato de se reunir em torno de uma mesa; a comensalidade é uma realidade ausente na casa de muitas famílias - e, desse ponto de vista, há a restauração do ato de compartilhar refeições como um valor a ser cultivado, que por sua vez é capaz de se comunicar com uma dimensão psicanalítica íntima e singular a respeito do ambiente doméstico (respaldada pela memória afetiva), oferecendo a possibilidade de (re)conexão ou até mesmo descoberta de uma esfera aconchegante e familiar a ser vivida.

Dividir a comida é um modo quase técnico de dizer que se faz parte da mesma família. (...) Em todos os níveis sociais, a participação na mesa comum é o primeiro sinal de pertencimento ao grupo. Esse pode ser a família, mas também uma comunidade mais ampla: toda confraria, corporação, associação reafirma à mesa a própria identidade coletiva (MONTANARI, 2013, p. 159).

Não seria exagero, então, pensar a Ocupação 9 de Julho como um conjunto de corpos que se somam a outros corpos, que, juntos, constroem uma ponte, e, quiçá, se reconhecem como família, tribo, ou, ainda, como floresta.

Eu diria que a cozinha é (...) lugar onde a vida cresce e o prazer acontece, quente... Tudo provoca o corpo e sentidos adormecidos acordam (...) Cozinha: ali se aprende a vida. É como uma escola em que o corpo, obrigado a comer para sobreviver, acaba por descobrir que o prazer vem de contrabando. A pura utilidade alimentar, coisa boa para a saúde, pela magia da culinária, se torna arte, brinquedo, fruição, alegria. Cozinha, lugar dos risos... (ALVES, 1995, p.133).







17* / OUTUBRO / 2021

**GENTE É
PRA BRILHAR,
NÃO PRA
MORRER DE FOME**

**ALMOÇO
DE
DOMINGO**

**ALIMENTO NÃO
É COMMODITY,
NEM MERO
PRODUTO**

COZINHA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO - MSTC
TAMBÉM PRESENCIAL!



A capacidade de autogestão na 9 de Julho é abundante e empregada na transformação de um prédio abandonado em um ambiente de festa: tem domingo que o Edifício 9 de Julho é ao mesmo tempo cozinha de vó; quintal de casa de sítio; pátio de festa junina; festa pra orixá; show de música; tenda de circo; sala de leitura; cinema ao ar livre e horta comunitária. A Cozinha Ocupação 9 de Julho configura o coração que bombeia sangue para todo o restante deste corpo-ocupado, assim como a cozinha está para o coração de uma casa.

À medida que a notícia do projeto dos almoços foi se espalhando, a rede de parceiros e aliados do movimento foi se expandindo, tornando a programação musical e cultural algo rotineiro dos almoços. Hoje a Ocupação 9 Julho conta com diversos parceiros que fazem parte de uma rede de colaboração voluntária, dentre eles: N-1 Edições, Bienal de Arquitetura de São Paulo, Jornalistas Livres, Aurora Filmes, Uneafro Brasil, FICA, Coletivo Pipa, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), Escola da Cidade, SESC, dentre outros.⁴¹







CINE 

APRESENTA

MARIGHELLA

- Sujeito a lotação
- Apresentação de carteira de vacinação obrigatória
- Classificação: 16 anos

Sexta, 10/12, às 19h

NA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO • RUA ÁLVARO DE CARVALHO, 427

MSTC
MOVIMENTO SEM TETO DO CENTRO



CINE 

APRESENTA

BACURAU

#LIBERDADE PRETA
MSTC

Direção de **kleber Mendonça** e **Juliano Dornelles**

Bacurau é um filme de ação, suspense e western ambientado no Brasil 'daqui a alguns anos'. Conta a história do povoado "Bacurau", que some do mapa misteriosamente e seus moradores começam a presenciar estranhos acontecimentos

Depois da exibição, conversa com **Alli Willow** (como "Kate"), **Thomas Aquino** (como "Pacote"), **Ingá Maria** (estudante universitária e mediadora), **Tales Ab'Saber** (psicanalista e filósofo), **Cafira Zoé** (poeta, Teatro Oficina) e **moradores**

Sexta, 04/10 às 19h30

NA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO • RUA ÁLVARO DE CARVALHO, 427


MSTC
MOVIMENTO SEM TETO DO CENTRO



**LUTE
COMO
XANGÔ**

**LUTE
COMO
JESUS**



O dinheiro arrecadado, seja através da venda das refeições, seja através das barraquinhas dos moradores no pátio externo, é utilizado para girar a economia doméstica das famílias. O dinheiro arrecadado, portanto, é reinvestido na Ocupação; alimenta, abriga, provê infraestrutura e sustenta famílias que moram no prédio. O projeto, portanto, viabiliza uma rede circular criativa⁴² que mantém o valor produzido sob o controle dos trabalhadores que o produziram. Não há intermediários, não há agenciadores, não há Poder Público ou qualquer outra testemunha que não seja os próprios ocupantes e os que decidem apoiar o projeto, o que o torna singular e distinto, por exemplo, da prática do turismo de base comunitária (TBC), que opera a partir do agenciamento e intermedia - quando não sequestra - o protagonismo de atores locais.

Parte dos ingredientes que são utilizados no preparo dos pratos são colhidos pelos próprios ocupantes na Horta da Ocupação. Todos os insumos utilizados no preparo dos pratos são orgânicos, vindos de pequenos e médios fornecedores: agricultores, permacultores, assentamentos e cooperativas que juntos compõem uma rede de parceiros. As refeições podem tanto ser consumidas presencialmente na Ocupação como solicitadas por [delivey](#); as entregas são feitas até 10 km do centro pelos [Entregadores Antifascistas](#), movimento que surgiu em 2020 no auge da pandemia do coronavírus e que é liderado por Paulo Lima, o Galo, que tem como premissa a não exploração dos motoboys autônomos por aplicativos de entrega. Dessa forma, a Cozinha Ocupação 9 de Julho representa uma forma alternativa de organizar a produção, distribuição e o consumo, cobrindo de “ponta a ponta” o controle sobre a qualidade do que é servido e sobre quem é beneficiado, contrapondo os moldes hegemônicos capitalistas e neoliberais, calcados na impessoalidade, exploração humana, destruição ambiental e mais-valia. Tendo em vista que “a urbanização capitalista tende perpetuamente a destruir a cidade como um bem comum social, político e habitável” (HARVEY, 2014, p. 158), a Ocupação 9 de Julho, então, se traduz como prática regenerativa.

⁴² Optou-se pela não utilização da expressão “empreendedorismo” ao longo da pesquisa devido a sua vinculação a adjetivos como: “dinâmico”, “arrojado”, “disruptivo” e sua participação na gramática financeirista neoliberal, utilizada por startups e coaches que promovem o empreendedorismo como solução criativa à espoliação urbana e perda de direitos trabalhistas, assim como conduz o sujeito a uma individualização da culpa perante a um sofrimento psíquico de causa sistêmica, o que Safatle, Silva e Dunker (2021) denominam “conjunto de práticas de gerenciamento do mal-estar” através do qual o neoliberalismo é capaz de gerir o adoecimento em prol da produtividade. Assume-se aqui, portanto, que “Nóis não é empreendedor de porra nenhuma, nós é força de trabalho nessa porra” ([GALO, 2021](#)).



4.4
OCUPAÇÃO 9 DE JULHO COMO
RESSIGNIFICAÇÃO DA CIDADE E
PRODUÇÃO INCESSANTE DE SONHOS



O Brasil vive momentos difíceis em termos democráticos. Em 2018, o campo da cultura e do lazer foi a primeira vítima do projeto político em curso, com a extinção do Ministério da Cultura (MinC) no dia 1 de janeiro de 2019. O projeto de desmonte dos direitos básicos no Brasil ainda em curso faz parte de uma agenda política da fome, do despejo, do desemprego, da violência, da barbárie, do crime e da perversidade. Todavia, “acontece que no meio de tudo isso, e ao mesmo tempo, produzimos formas originais de inventar a vida onde amiúde só a morte poderia triunfar” (SIMAS, 2022, p. 15).

A Ocupação 9 de Julho se apropria do abandono do Estado; do divisor tênue entre institucionalização e ilegalidade; dos escombros do capitalismo; da violação de direitos e da necropolítica e se lança como um projeto de afirmação não da morte, mas da vida. Sua existência é a materialidade de uma organização política capaz de transformar de maneira positiva a realidade e cujos gestos conseguem manter vivas tradições e valores escassos, como o manejo carinhoso do meio ambiente; a convivência com diferenças; a busca por justiça social; o respeito às ancestralidades; a valorização do pequeno produtor; a democratização da cultura e do lazer e o trabalho coletivo em prol de um bem comum. A Ocupação 9 de Julho é a prova de que “as qualidades humanas da cidade emergem de nossas práticas nos diversos espaços da cidade, mesmo que eles sejam passíveis de cerceamento, controle social e apropriação, tanto pelos interesses privados como pelos públicos-estatais.” (HARVEY, 2014, p. 143).

Nesse sentido a micropolítica se revela como um caminho para o alcance da justiça social e de novos cenários possíveis, inclusive para o alcance de um turismo dissociado de atores hegemônicos do trade turístico, tornando possível a redistribuição - não só espacial - como também estrutural da riqueza (CRUZ, 2006). Diante do desmonte do Brasil, a Ocupação passou a representar uma resistência política através da democratização do acesso à cultura,

educação, alimentação e lazer a partir de projetos e atividades auto-organizadas, auto-geridas e auto-promovidas, se tornando um ponto de luz em meio uma vasta escuridão. Considerando-se que “o poder de monopólio da propriedade privada é o ponto de partida e de chegada de toda atividade capitalista” (HARVEY, 2014),

É nesse contexto que a retomada de uma (...) teoria dos bens comuns adquire importância ainda maior. (...) se o Estado deixa de oferecê-los, então só há uma resposta possível, que é as populações se auto-organizarem para oferecerem seus próprios bens comuns. (...) O reconhecimento político de que os bens comuns podem ser produzidos, protegidos e usados para benefício social transforma-se em um modelo para resistir ao poder capitalista e repensar a política de uma transição anticapitalista. (...) A questão, portanto, é mudar tudo isso e descobrir maneiras criativas de usar os poderes do trabalho coletivo para o bem comum (HARVEY, 2014, p. 167 e p. 168)

**LUTE
COMO
UMA
ESTRELA
CADENTE**

**LUTE
COMO
UM
CAMELÔ**

QUE
O É
RESTA
ÇÃO
ÍTICA

RE
O
OUPA

P
I
S
E

P
R
E
S
E

N

T

CUIDADO

TEU SILÊNCIO
E OMISSÃO
PODEM SER
CRIMINOSOS
DIANTE DE TANTA
INSANIDADE
E DESTRUIÇÃO

Um é seu

VIDA




**TRANSFORMAR
DOR
EM RAIVA**



 1 PRATO PRA VC + 1 D[♥]ADO

R\$30 + ENTREGA

FRIGIDEIRA DE REPOLHO
 ACOMPANHA SALADA DE FEIJÃO FRADINHO,
 ABÓBORA E CENOURA ASSADAS NO AZEITE E ALHO
 TODO ORGÂNICO!

13 / JUNHO / 2021
**ALMOÇO
DE
DOMINGO**
 COZINHA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO - MSTC


**TRANSFORMAR
RAIVA
EM LUTA**


O projeto ganhou tamanha proporção e visibilidade que conseguiu emplacar Ocupação 9 de Julho no segundo dia da programação da Jornada do Patrimônio de 2019, cujo tema da edição foi “Memória Paulistana”. As atividades promovidas foram: grafiteagem do muro da Ocupação 9 de Julho; caminhada da memória - “Lugares, histórias e lutas de resistências apagadas no centro da cidade” e roda de conversa - “Memórias, territórios, narrativas e violência de Estado: apagamentos de ontem e hoje”, com a presença de Laura Capriglione (Jornalistas Livres), MSTC, Coletivo Visto Permanente, Coletivo Revolta da Lâmpada, Alma Preta, Instituto Vladimir Herzog, Coletivo Lakitas Sinchi Warmis, AMPARAR (Associação de amigos e familiares de presos/as e Edson Baldan (Prof. de Criminologia da PUC/SP).

A presença da Ocupação 9 de Julho na Jornada do Patrimônio provoca a reflexão a respeito do genuíno protagonismo dos ocupantes como narradores de suas próprias histórias e ausência dessas vozes dentro da cátedra acadêmica. As parcerias com a Ocupação crescem continuamente, ilustrando a conquista de ciclos de notória visibilidade por parte dos ocupantes a partir das suas

TERRITÓRIOS DA
memória

OCUPAÇÃO
09
DE JULHO

RUA ÁLVARO DE CARVALHO, 427

17/08
DAS 12hs ÀS 20h

Projeto GTP Territórios do Instituto Vladimir Herzog

PROGRAMAÇÃO

12h **GRAFITAGEM DO MURO DA OCUPAÇÃO NA AVENIDA 9 DE JULHO**

13h/15:30 **CAMINHADA DA MEMÓRIA**
“Lugares, histórias e lutas de resistências apagadas no centro da cidade”.

16h **RODA DE CONVERSA**
Sala 10 (Rua Álvaro de Carvalho, 427)
“Memórias, territórios, narrativas e violência de Estado: apagamentos de ontem e de hoje”.

Mediação: Laura Capriglione (Jornalistas Livres)

PRESENCAS:
MSTC - Movimento Sem-Teto do Centro
Coletivo Visto Permanente
Coletivo Revolta da Lâmpada
Coletivo Lakitas Sinchi Warmis
Alma Preta
AMPARAR - Associação de amigos e familiares de presos/as
Edson Baldan (Prof. de criminologia da PUC/SP)
Instituto Vladimir Herzog

José Celso do Teatro Oficina
Uzyna Uzona visita a horta
da Ocupação 9 de julho
para plantar um ipê

Sábado
5/10
17hs

Rua Álvaro de Carvalho 427

TERRITÓRIOS DO COMUM

SÉRIE DE ENCONTROS
LUTE COMO QUEM CUIDA

EXPERIÊNCIAS DA COZINHA
OCUPAÇÃO 9 DE JULHO

Encontro 3
Gestão, quantificação,
planilhas, mídias e logística

DIA 18/OUT/21
SEGUNDA, ÀS 19H30

PLATAFORMA ZOOM | GRÁTIS
<http://bit.ly/ocupacao9dejulho>

Sesc

produções como agentes de transformação e articulação política.

Diante do exposto, a iniciativa do projeto Cozinha 9 de Julho pode ser tida como um exemplo de oferta turística auto gerida e auto organizada por atores da sociedade civil à parte dos eixos do trade turístico, da institucionalização e da lógica mercantil como mais-valia e acumulação espoliativa, ocupando um lugar de não-mercado e demonstrando-se como um interesse caso a partir do qual é possível a (des)construção de pressupostos epistemológicos e a produção de novos sentidos para o Turismo e para uma vida pautada por valores anticapitalistas.

A Ocupação 9 de Julho - através do projeto Cozinha Ocupação 9 de Julho - é a expressão máxima da criação de um ecossistema auto sustentável e auto construído: uma célula sobrevivente a inúmeras tentativas de envenenamento, realidade bem sucedida confeccionada a partir do *hackeamento* do sistema, tornado de desobediência libertária, semente de amanhãs, berço de riquezas e mel misturado com dendê, responsável por permitir que, ao menos no número 427 da Rua Álvaro de Carvalho, o mundo seja agenciado a partir da miríade de outro(s) entendimento(s).

5. SÃO PAULO, TURISMO E A OCUPAÇÃO 9 DE JULHO COMO REINTERPRETAÇÃO DE SI E TRANSMUTAÇÃO DA REALIDADE A PARTIR DE UM SONHO COLETIVO

Tido como o conceito menos valorizado por muito tempo dentro da academia, a categoria geográfica de “lugar” é definida - graças à geografia humanista de Paul Claval - como espacialidade intersubjetiva que abriga experiências individuais de amor, ódio, liberdade, segurança, esperança, abandono, desafeto, luz, morte, escuridão, vida, etc. “Lugar” como dimensão profunda onde signos e símbolos se misturam num emaranhado infinito de significados que moldam o dia a dia. Através do projeto dos almoços, a Ocupação 9 de Julho se revela um microcosmo carregado de sentidos; participante desse corpo-cidade de São Paulo, corpo esse guardião de memórias e traumas coletivos; cidade que é testemunha, a todo momento, da ação de sujeitos que tentam traduzir sua própria maneira de existir, produzindo novos entendimentos do que significa estar vivo. A definição mais antiga de lugar foi definida por Aristóteles como “o limite que circunda o corpo”. E o corpo, essa matéria tão desrespeitada e violada - por nós e pelo mundo - quando devolvido ao seu lugar de movimento e potência, se rebela numa graça estridente.

A Ocupação 9 de Julho, que se compõe a partir de diferentes corpos de diásporas diversas, sintetiza o ímpeto de habitar-se a partir de um outro modo de estar no mundo, guiado pela perspectiva de produção de cura - cura de si, cura do outro. Sua existência condensa o que Sérgio Ferro (2006) chamou de “bolsões de liberdade participativa no meio da não-liberdade”. Essa realidade manifesta só se concretiza como alternativa através - não só - da sinergia coletiva como força de construção, mas sobretudo através do exercício da arquitetura de si, a partir de um processo de morte e renascimento simbólicos induzidos pela recusa de um lugar de vergonha e miséria impostos, denotando, portanto, uma reinterpretação de si.

⁴³ O lugar é um centro de significado construído pela experiência. O lugar é conhecido não apenas por meio dos olhos e da mente, mas também por modos mais passivos e diretos de experiência que resistem à objetificação” (TUAN, 1975a, p. 152 apud PÁDUA, 2013, p. 49).



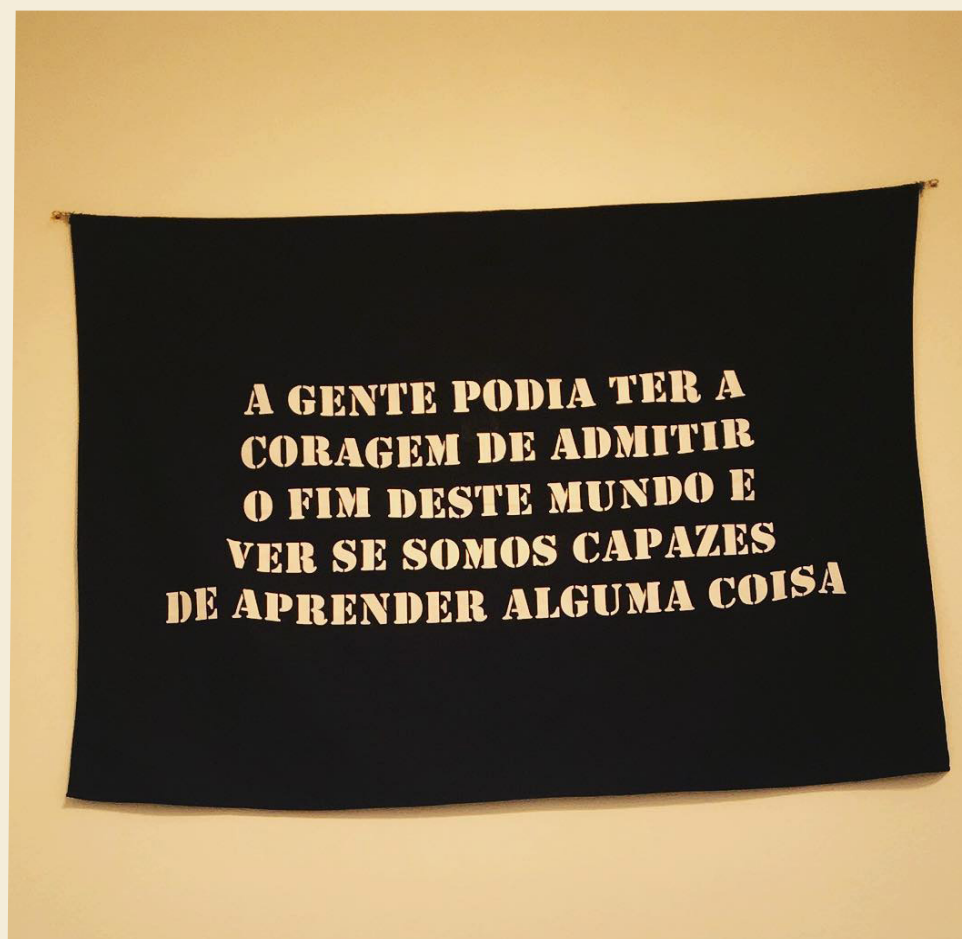
A dimensão de “lugar” dada pela geografia humanista em diálogo com a fenomenologia-hermenêutica de Ricoeur (1913-2005) nos propicia uma ferramenta rica de análise da realidade a partir da leitura afetiva dos lugares que nos cercam e dos lugares que habitamos, inclusive nós mesmos. Na busca por sentidos universais em experiências particulares, a criação de uma interpretação própria de “lar” e pertencimento atravessa necessariamente dimensões de elaboração simbólica, integrada a processos de ação, narração, construção de identidade e alteridade (SODRÉ, 2004, p.1).

É então a partir da habitação de (si) que o encontro com o (outro) se revela como possibilidade de co-criação da realidade. Nesse encontro, a ternura e a delicadeza revelam-se como antídotos para a violência e desamor. Há, então, uma verdadeira chance de transmutação da realidade a partir da ação conjunta e desejo compartilhado. Dessa perspectiva, a Ocupação 9 de Julho é um relicário de amanheceres e fonte de magia capaz de sustentar novos propósitos de vida.

O MSTC, responsável pela capacitação de lideranças comunitárias, conjura infinitos recomeços alicerçados na dignidade humana através do exercício consciente e inconsciente da autopoiese, que, para Maturana (1997) corresponde à capacidade de seres vivos produzirem a si mesmos. A Ocupação 9 de Julho, através da Cozinha Ocupação 9 de Julho e seus projetos adjacentes, se materializa como medida poética capaz de reinventar a polis e subverter a lógica dos projetos de smart cities, investindo não em tecnologia, mas sim na inteligência coletiva como dinâmica que mobiliza a produção de expressões estéticas, verbais e não verbais, que triunfam como personificações de inovação.

**O QUE
NÃO É
FLORESTA
É
PRISÃO
POLÍTICA**

**FOME DE
LIBERDADE
E NÃO
DE PODER**





PARANDO
DE ME
SABOTAR



ACREDITE
NO
SEU
AXÉ









MSTC
MOVIMENTO SEM TETO DO CENTRO

cozinha

ocupação
9 de julho
MSTC

Na tentativa de responder a pergunta “É possível o Turismo se relacionar com uma ocupação por moradia?”, conclui-se, apoiado no aporte teórico interdisciplinar exposto, de que sim, o Turismo pode se relacionar com uma ocupação por moradia, desde que lido a partir de uma reformulação teórica de sua episteme, que segue como campo de pesquisa rico a ser explorado. Não foram encontradas quaisquer referências ao objeto de análise vinculado ao campo disciplinar do Turismo. Por conta disso, tornou-se necessário a exploração do tema a partir da (i) limitação de subsídios teóricos, dos quais optou-se pelos recortes elucidados. A análise qualitativa da iniciativa Cozinha Ocupação 9 de Julho e seus desdobramentos contribui para o entendimento do Turismo a partir de uma ótica não-subordinada ao eurocentrismo e a lógica neoliberalista de mercado, sugerindo novos contornos para o estudo do Turismo a partir de um lugar de não-mercado e da oferta turística não subordinada à lógica do agenciamento, protagonizada por atores não-pertencentes ao *trade* turístico.



QUE NÃO TEM ESPAÇO ESTÁ EM TODO LUGAR

**É TARDE, MAS AINDA
TEMOS TEMPO**



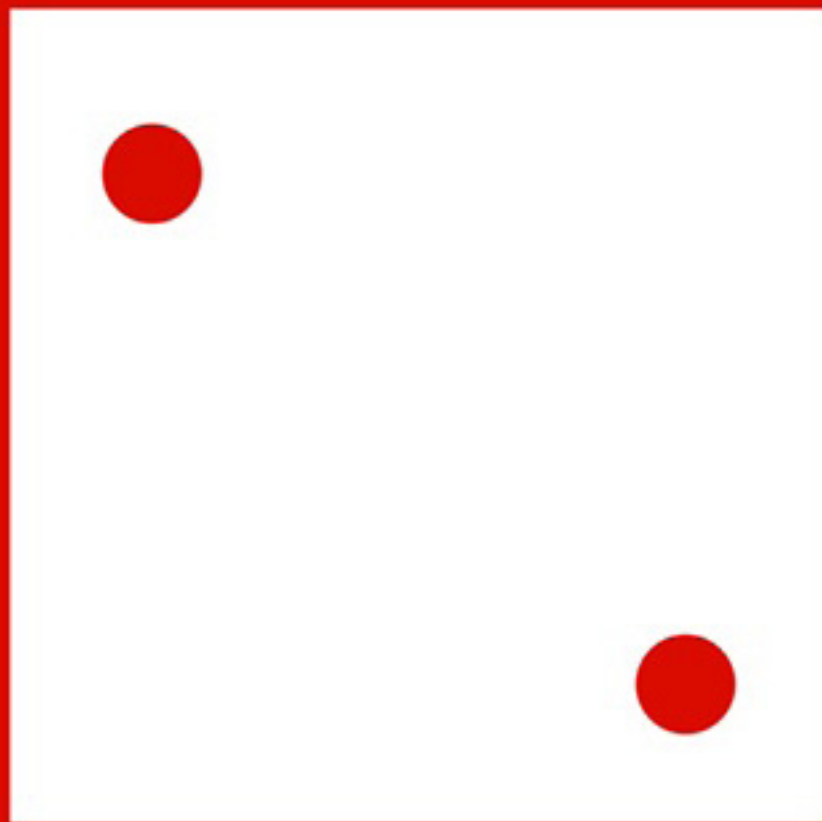
Esta pesquisa, portanto, se traduz como um convite urgente de detestemunharo Turismo como agente de ressignificação da cidade, seus sujeitos e territórios, capaz de dar voz a novos interlocutores e protagonistas mediante o agenciamento do mundo a partir de nova(s) sensibilidade(s), emergentes da subversão de pressupostos limitantes e uma fúria periférica latina multiplicadora de sentidos. Não há conclusões além destas, ou seja, além da tradução de uma súplica em inaugurar novos modos de se conceber as relações humanas e suas trocas junto da reivindicação e apropriação do Turismo por parte de turismólogos - não só como ferramenta - mas igualmente como substância de uma revolução capaz de romper com padrões de exploração e adoecimento coletivo e individual.



A construção de novos devires para o Turismo será tecida no processo de suas contradições e possibilidades enquanto fenômeno social, a ser elucidada pelos dispostos a firmarem pactos que honrem a vida. Depois do fim do mundo, haverá festa com o que restar. E se um futuro houver, ele será ancestral. No esforço desmedido em cultivar o vínculo sensível que sustenta a comunhão de todas as coisas, eu suspeito que tudo, tudo, tudo, absolutamente tudo que nós tem é nós.

Harari / no "Sapiens" / Explicou a humanidade / Só não conseguiu explicar / O amor Karl Marx e Adam Smith / Desenvolveram teorias perfeitas / Mas talvez não tenham levado em consideração / O egoísmo / E a mediocridade dos humanos A selfie mostra o sorriso / Só não revela / O turbilhão de sentimentos Nietzsche disse / Que Deus está morto / Mas talvez não tenha cogitado Que a vida / Possa ser / Ela própria / A divindade⁴⁴

cozinha



**ocupação
9 de julho**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1,4 milhão de entregadores e motoristas no Brasil estão na Gig economy. IPEA, 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38565. Acesso em: 2 maio 2022;

Aguiar, J. D. N. (2018). **A colonização do conhecimento e a crítica ao eurocentrismo nas ciências sociais a partir da produção teórica brasileira.** Religación. Revista De Ciencias Sociales Y Humanidades, 3(9), 133-147. Disponível em: <http://revista.religacion.com/index.php/religacion/article/view/136/>. Acesso em: 29 maio 2022;

ALIIS, T. **Viajantes, visitantes, turistas... Em busca de conceitos em um mundo urbano.** Caderno Virtual de Turismo. Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.23-s.38, nov. 2014;

ALVARENGA, D. e SILVEIRA, D. **Desemprego mantém recorde de 14,7% e atinge 14,8 milhões de brasileiros no trimestre encerrado em abril.** G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/06/30/desemprego-fica-em-147percent-no-trimestre-terminado-em-abril-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 30 maio 2022;

ALVES, Rubem. **Aprendendo das cozinheiras.** In: Estórias de quem gosta de ensinar - O fim dos vestibulares. Ars Poética – São Paulo, 1995;

Ana Teixeira. Disponível em: <https://www.anateixeira.com/>. Acesso em: 3 jun 2022;

ANTUNES, Ricardo (org.). 2020. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0 1.** ed. São Paulo: Boitempo. 333 pp;

Aparelhamento. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/coletivoaparelhamento/?ref=page_internal. Acesso em: 4 jun. 2022;

ARAÚJO, Mateus. **Tragédia à brasileira.** TAB UOL, 2021. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/familia-na-rua/#cover>. Acesso em: 23 nov. 2021;

ARAÚJO, Matheus. **Fila, famosos e ostentação:** Cidade Matarazzo é novo point de luxo em SP. TAB UOL, 2022. Disponível em: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/03/28/de-luciano-huck-a-fernando-haddad-o-novo-hotel-de-luxo-de-sp.htm?utm_campaign=tab&utm_content=hyperlink-texto&utm_medium=email&utm_source=newsletter. Acesso em: 29 mar. 2022;

AZEVEDO, Stella. **O TCC de TCCs:** a produção acadêmica do bacharelado em turismo da Universidade de São Paulo de 1975 a 2015. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) - Departamento de Relações Públicas Propaganda e Turismo da ECA-USP. Disponível em: http://dedalus.usp.br/F/R8Q3NRNT41FPRE8RFMUIEKI2HP1Q2YLD6YAD14X7VD8LBY-CIMC-07573?func=full-set-set&set_number=018498&set_entry=000001&format=999. Acesso em: 24 maio 2022;

BALBIM, Renato. TD 2134 - **Serviço de Moradia Social ou Locação Social:** alternativas à política habitacional. IPEA, 2015. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content%20&view=article&id=26335. Acesso em: 21 jun. 2022;

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** 1ª ed. São Paulo; Editora Zahar, 2001. 280 p.;

BEDESCHI, L. **O que está por trás da difamação e da criminalização das ocupações?** LabCidade, 2018. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/o-que-esta-por-tras-da-difamacao-e-da-criminalizacao-das-ocupacoes/>. Acesso em: 2 jun. 2022;

BEIGUELMAN, Giselle. **Coronavida**: pandemia, cidade e cultura urbana / Giselle Beiguelman. – São Paulo: ECidade, 2020. 44 p.; Digital. – (Outras palavras; v.8);

Beni, M. C., e M. Moesch. **Do Discurso Da Ciência Do Turismo Para a Ciência Do Turismo**. Revista Turismo & Desenvolvimento, n. 25, Jan. 2016, 12 p, doi:10.34624/rtd.v0i25.10857. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/48.pdf>. Acesso em: 26 maio 2022;

BENI, M. C. **Sistema de Turismo - SISTUR**: Estudo do Turismo face à moderna Teoria de Sistemas. Revista Turismo em Análise, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 15-34, 1990. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v1i1p15-34. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63854>. Acesso em: 26 jun. 2022;

BERTOLOTTI, Rodrigo. **Futuro bairro em clube de golfe dos Matarazzos revolta vizinhos em Osasco**. TAB UOL, 2022. Disponível em: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/03/12/futuro-bairro-em-club-de-golfe-dos-matarazzos-tira-mata-e-revolta-vizinhos.htm?utm_campaign=tab&utm_content=hyperlink-texto&utm_medium=email&utm_source=newsletter. Acesso em: 18 mar. 2022;

BERTOLOTTI, Rodrigo. **Líder em demolições, bairro mais antigo de São Paulo desaparece da paisagem**. TAB UOL, 2022. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/02/28/lider-da-demolicao-bairro-mais-antigo-de-sao-paulo-desaparece-da-paisagem.htm>. Acesso em: 18 mar. 2022;

BERTONI, Estêvão. **A mudança no perfil da população em situação de rua em SP**. Nexo Jornal, 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/01/24/A-mudanca-no-perfil-da-populacao-em-situacao-de-rua-em-sp>. Acesso em: 30 maio 2022;

BETIM, Felipe. **Pandemia leva famílias para as ruas de São Paulo e acelera mudança de perfil da população sem-teto**. El País Brasil, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-02/pandemia-leva-familias-para-as-ruas-de-sao-paulo-e-acelera-mudanca-de-perfil-da-populacao-sem-teto.html>. Acesso em: 30 maio 2022;

BRACONI, Julio Cesar. **A disputa pela moradia na região central de São Paulo**: uma análise das ocupações Prestes Maia, Mauá e Cambridge. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Brasil tem a maior inflação dos últimos 26 anos em um mês de abril. Jornal Nacional, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/11/brasil-tem-a-maior-inflacao-dos-ultimos-26-anos-em-um-mes-de-abril.ghtml>. Acesso em: 30 maio 2022;

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. **Cidade de muros**. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. 2ª ed. São Paulo; EDUSP; Editora 34 Ltda; 2006. 400 p.;

CAMINHA, JV. **A diversidade de ocupações de imóveis ociosos**: uma leitura a partir de casos europeus. eMetropolis. Rio de Janeiro, v. 28, 2017. Disponível em: <http://emetropolis.net/artigo/211?name=a-diversidade-de-ocupacoes-de-imoveis-ociosos>. Acesso em: 27 jun. 2021;

CASSANO, Laura. **Cinema na Rua Augusta que existe há quase 30 anos vai ser fechado para dar lugar a prédio**. G1 São Paulo, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/12/cinema-na-rua-augusta-que-existe-ha-quase-30-anos-vai-ser-fechado-para-dar-lugar-a-predio.ghtml>. Acesso em: 12 maio 2022;

Cidade Matarazzo. Disponível em: <https://cidadematarazzo.com.br/>. Acesso em: 12 abr. /2022;

Contrato de Concessão Vale do Anhangabaú. Prefeitura de São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/governo/desestatizacao_projetos/vale_do_anhangabau/index.php?p=316053. Acesso em: 2 maio 2022;

COOPER, Chris et al. **Turismo**: princípios e práticas. 3ª. Porto Alegre: Bookman, 2007;

Cozinha Ocupação 9 de Julho. Disponível em: <https://www.cozinhaocupacao9dejulho.com.br>. Acesso em: 4 jun. 2022;

Cozinha Ocupação 9 de Julho. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>. Acesso em: 4 jun. 2022;

DECLERCO, Marie. **Em SP, influencers fazem parceria para morar em prédio instagramável.** TAB UOL, 2021. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/12/17/empreendimento-imobiliario-investe-em-influenciadores-para-atrair-clientes.htm>. Acesso em: 8 fev. 2022;

EA de Azevedo Sampaio. **Cientificidade nos estudos do turismo. Teorias, dicotomias e o desafio da consolidação epistemológica.** PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. [S. l.], v. 20, n. 3, 2022. Disponível em: <http://ojsull.webs.ull.es/ojs/index.php/Revista/article/view/3409>. Acesso em: 5 maio 2022;

Entregadores Antifascistas. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/entregadores_antifascistas/. Acesso em: 4 jun. 2022;

FLORES, E. . C. . **As fundações historiográficas da turismologia.** Sæculum – Revista de História, [S. l.], n. 12, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11321>. Acesso em: 25 maio 2022;

Folha de S. Paulo. **'Entregador Antifascista' critica precarização do trabalho e omissão de veículos da imprensa.** 1 vídeo (14min10s). Youtube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ttciccleolg&ab_channel=FolhadeS.Paulo. Acesso em: 4 jun. 2022;

Gestão Urbana SP. **O Vale do Anhangabaú.** Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/centro-dialogo-aberto/o-vale-do-anhangabau/>. Acesso em: 2 maio 2022;

HARVEY, David. **Cidades rebeldes:** do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014;

HONÓRIO, Gustavo. **A vida nas casas compartilhadas de SP:** moradores pagam R\$ 1,2 mil de aluguel em quartos de 9 m². G1 SP, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/11/19/a-vida-nas-casas-compartilhadas-de-sp-moradores-pagam-r-12-mil-de-aluguel-em-quartos-de-9-m.ghtml>. Acesso em: 8 fev. 2022;

Índice de Competitividade do Turismo Nacional. SEBRAE. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/indice-de-competitividade-do-turismo-nacional,b97a1e0933e5a410Vgn-VCM2000003c74010aRCRD#:~:text=O%20%C3%8Dndice%20de%20Competitividade%20do,evolu%C3%A7%C3%A3o%20da%20atividade%20nos%20destinos>. Acesso em: 30 maio 2022;

INSTAGRAMÁVEL. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/instagram%C3%A1vel>. Acesso em: 18 mar. 2022;

Instituto Nacional de Estatística. **Qual a diferença entre visitante, excursionista e turista?** Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_faqs&FAQSfaq_boui=242238463&FAQSmodo=1&xlang=pt#:~:text=Turista%20%D%20visitante%20que%20permanece%2C%20pelo,n%C3%A3o%20pernoita%20no%20lugar%20visitado. Acesso em: 5 maio 2022;

IZENZÊÊ, Vitor; TRÓIA, Tomás. **No Atlântico Sul.** In: Vida E Nada Mais. 2019. 1 CD. Faixa 10. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-fUpEYP-Vo&ab_channel=IZENZ%C3%8A%C3%8A. Acesso em: 22 jun. 2022.

LABHAB. **IMÓVEIS OCIOSOS NO CENTRO DE SÃO PAULO.** Disponível em: <http://www.labhab.fau.usp.br/wp-content/uploads/2018/02/infogra%CC%81fico-PEUC-labhab.pdf>. Acesso em: 30 maio 2022;

LAYCOCK, Stuart. **All the Countries We've Ever Invaded:** and the Few We Never Got Round To. The History Press, 2012;

LEVA. Direção: Juliana Vicente e Luiza Marques. Brasil: Preta Portê Filmes e Canal Futura. 1 filme (55min), 2011;

Licensing Information. Iloveny. Disponível em: <https://www.iloveny.com/licensee-info/>. Acesso em: 2 maio 2022;

LIMA, Daniela Colin. **Sérgio Ferro.** Entrevista, São Paulo, ano 07, n. 027.01, Vitruvius, jul. 2006. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/07.027/3301>. Acesso em: 6 jun. 2022;

LISBOA, D. e PEREIRA, F. **Em tempos de vacas magras, carne bovina quase some dos PFs de São Paulo.** TAB UOL, 2022. Disponível em: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/04/29/em-tempos-de-vacas-magras-carne-bovina-some-dos-pfs-de-sao-paulo.htm?utm_campaign=tab&utm_content=hyperlink-texto&utm_medium=email&utm_source=newsletter. Acesso em: 29 abr. 2022;

LUTE COMO QUEM CUIDA. Benfeitoria, 2020. Disponível em: <https://benfeitoria.com/projeto/lutecomoquemcuida>. Acesso em: 3 jun. 2022;

MAGRI, Diogo. **Morar em 27 metros quadrados, a nova tendência que cabe na realidade de São Paulo**. El País Brasil, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/economia/2021-12-09/morar-em-27-metros-quadrados-a-nova-tendencia-que-cabe-na-realidade-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 8 fev. 2022;

MAGRI, Diogo. **“O carro do ovo quer saber: por que Queiroz estava escondido na casa do advogado da família Bolsonaro?”**. El País Brasil, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-11/o-carro-do-ovo-quer-saber-por-que-queiroz-estava-escondido-na-casa-do-advogado-da-familia-bolsonaro.html>. Acesso em: 4 jun. 2022;

MANCUSO, Filippo. **Prefeitura de SP diz que replantou 480 árvores no Vale do Anhangabaú**. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/04/prefeitura-de-sp-diz-que-replantou-480-arvores-no-vale-do-anhangabau-apos-retirar-palmeiras.ghtml>. Acesso em: 2 maio 2022;

MARICATO, Ermínia. **Maricato: "Direito à cidade nos tempos atuais"**. 2020. 1h 04min 17s. Canal Amigos ENFF. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AvbHmGw-M2U&ab_channel=AmigosEnff. Acesso em: 7 jun. 2021;

MARTONI, R. M. **“Turismólogos” à deriva: as lutas pela regulamentação profissional no mar revolto do mercado**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação do SESC - Edição Especial: Turismo e relações de trabalho: panoramas e desafios., SESC São Paulo-SP, p. 165 - 200, 2021. Disponível em: https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/revista/edicao_especial_2.php?cor=verde. Acesso em: 30 maio 2022;

MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004;

Centros para população de rua têm teto ruindo, fezes de pombos e percevejos. Folha, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/centros-para-populacao-de-rua-tem-teto-ruindo-fezes-de-pombos-e-percevejos.shtml#:~:text=Oito%20centros%20de%20acolhimento%20%C3%A0,obtido%20com%20exclusividade%20pela%20Folha>. Acesso em: 31 maio 2022;

MOMBAÇA, Jota. **“O que não tem espaço está em todo lugar”**. Exposição “Quem não luta tá morto – arte democracia utopia”, 2018. Disponível em: <http://estudiochao.com/Exposicao-Arte-Democracia-Utopia>. Acesso em: 03 jun. 2022;

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2008. 207 p;

Movimento Sem Teto do Centro. Disponível em: <https://www.movimentosemtetodocentro.com.br/>. Acesso em: 3 jun. 2022;

MURAD, Júlia. **Ocupação, uma alternativa de moradia? O caso Prestes Maia**. 2019. Dissertação (Mestrado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-30092019-153332/pt-br.php>. Acesso em: 03 jun. 2022;

NAKASHIMA, S. K. CALVENTE, M. del C. M. H. **A História do Turismo: epítome das mudanças**. Turismo & Sociedade (ISSN: 1983-5442). Curitiba, v. 9, n. 2, p. 1-20, maio-agosto de 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/43151>. Acesso em: 20 maio 2022;

NAMING RIGHTS. Metrô de São Paulo. Disponível em: <https://www.metro.sp.gov.br/negocios/naming-rights/index.aspx>. Acesso em: 2 maio 2022;

OCUPAÇÃO 9 DE JULHO - QUEM OCUPA, CUIDA. 1 vídeo (17min21s). Canal REOCUPA, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0qQK3dZPt7I&list=LL&index=7&ab_channel=REOCUPA. Acesso em: 20 jun. 2022.

OTERO, Guido. **Novo Anhangabaú: apagamento e elitização custando caro aos cofres públicos**. LabCidade, 2020. Disponível em: http://www.labcidade.fau.usp.br/novo-anhangabau-apagamento-e-elitizacao-custando-caros-cofres-publicos/?fbclid=IwAR-1AHUAaE5cCh6EU1INrPXbO-8kDRmkwVVMb0TiVhneM_n0ovi-31YN1SoVI. Acesso em: 12 ago. 2020;

PADUA, Leticia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. DOI: 10.11606/T.8.2013.tde-09122013-114313. Acesso em: 6 de jun. 2022;

PALHARES, Isabella. **População de moradores de rua cresce 31% em São Paulo na pandemia**. Folha, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/01/na-pandemia-quase-dobra-o-numero-de-familias-que-vivem-nas-ruas-de-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 31 maio 2022;

PATZDORF, D. **Artista-educa-dor**: A somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 40, p. 1-28, 2021. DOI: 10.5965/1414573101402021e0101. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/19373>. Acesso em: 30 maio 2022;

PEIXOTO, Paulo. **Requalificação urbana**. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (orgs.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 41-52;

PEREIRA, Felipe. **Nas entranhas**. TAB UOL, 2021. Disponível em: https://tab.uol.com.br/edicao/pelas-entranhas/?tutm_source=mk&fbclid=IwAR2KPP-WlvSeH-8uQJhza1fMZCDPe5rQEZG9Vw-KiDNFErldpfAEkTTYbrLw. Acesso em: 22 jan. 2021;

PEREIRA, Jhonatan. **Cine Bijou, em São Paulo, é reaberto após 26 anos e reforma de R\$ 500 mil**. Casa Vogue, 2022. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/LazerCultura/noticia/2022/01/cine-bijou-em-sao-paulo-e-reaberto-apos-26-anos-e-reforma-de-r-500-mil.html>. Acesso em: 24 mar. 2022;

Prédios abandonados e pessoas em busca de moradia: as contradições no Centro de SP. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2021/06/09/predios-abandonados-e-pessoas-em-busca-de-moradia-as-contradicoes-no-centro-de-sp.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2022;

REIS, Diego. **O governo da emergência**: Estado de exceção, guerra ao terror e colonialidade. Rio de Janeiro: Multifoco, 2020, 389p.;

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2019;

RoseWood São Paulo. Disponível em: <https://www.rosewoodhotels.com/en/sao-paulo>. Acesso em: 12 abr. 2022;

SAFATLE, V.; DA SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica Editora, 2021;

SANTOS FILHO, J. **THOMAS COOK: MARCO DA HISTORIOGRAFIA DOMINANTE NO TURISMO**: Ensaio sociológico sobre o surgimento e preconceito ao fenômeno turístico na história. In: *II Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*, 2004, Caxias do Sul. *Anais do II Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*, 2004. Disponível em: <https://www.uces.br/site/midia/arquivos/39-thomas-cook.pdf>. Acesso em: 27 maio 2022;

SEBRAE. **OMT - Organização Mundial do Turismo**. Disponível em: <https://ois.sebrae.com.br/comunidades/omt-organizacao-mundial-do-turismo/>. Acesso em: 26 jun. 2022;

SILVA, Odair Vieira da; KEMP, Sônia Regina Alves. **A evolução histórica do turismo**: da Antiguidade Clássica a Revolução Industrial - século XVIII. *FAEF - Revista Científica Eletrônica de Turismo*, n. 9, 2008. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/site/e/turismo-9-edicao-junho-2008.html#tab728>. Acesso em: 3 maio 2022;

SIMAS, Luiz Antonio. **Umbandas**: Uma história do Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022;

SIMÕES, Janaina. **Construções residenciais verticais formais predominam na cidade de São Paulo**. Centro de Estudos da Metrópole FFLCH, 2021. Disponível em: <https://centro-da-metropole.fflch.usp.br/pt-br/noticia/construcoes-residenciais-verticais-formais-predominam-na-cidade-de-sao-paulo>. Acesso em: 8 fev. 2022;

SODRÉ, Olga. **Contribuição da fenomenologia hermenêutica para a psicologia social**. *Psicologia USP*, v. 15, p. 55-80, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/f3qsyVxrYyKk-pDFf35BpvyC/?lang=pt#>. Acesso em: 6 de jun. 2022;

THOMAZ, Ana. **O que aprendi com a desescolarização**. 2013. 1h 05min 55s. Canal O Lugar. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QveTf5Deklo&ab_channel=OLugar. Acesso em: 19 jun. 2022;

TORINELLI, M. **A experiência de uma sociologia que se tece por meio da paixão e do coletivo**. Brasil de Fato, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/26/a-experiencia-de-uma-sociologia-que-se-tece-por-meio-da-paixao-e-do-coletivo>. Acesso em: 31 jan. 2022;

TREMONTE, Fábio. **"Vista geral"**, serigrafia sobre tecido 140x160 cm, 2015. Disponível em: <https://agente.com/vc/Fabio-Tremonte>. Acesso em: 3 jun. 2022;

TRINDADE, T. **A importância e a legitimidade das ocupações em áreas centrais.** LabCidade, 2015. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/a-importancia-e-a-legitimidade-das-ocupacoes-em-areas-centrais/>. Acesso em: 2 jun. 2022;

Vale do Anhangabaú é reinaugurado com programação cultural neste domingo. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/25/vale-do-anhangabau-e-reinaugurado-com-programacao-cultural-neste-domingo.ghtml>. Acesso em: 2 maio 2022;

VARGAS, Ivan Martínez. **Em meio a recorde de sem-teto, São Paulo tem 1.750 imóveis vazios.** O Globo, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/05/em-meio-a-recorde-de-sem-teto-sao-paulo-tem-1750-imoveis-vazios.ghtml>. Acesso em: 21 jun. 2022;

VAUGHAN, Mark et al. **SUMMERHILL E A S. NEILL:** a escola com a democracia infantil mais antiga do mundo. 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, 280 p.;

VIANA, Nildo. **O que é autogestão?** Revista Enfrentamento. Goiânia, n. 2, p.1-11, jan./jun de 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/21546476-O-que-e-autogestao-nildo-viana-nildo-viana-terra-com-br.html>. Acesso em: 26 jun. 2022;

Vieira, D. P., Hoffmann, V. M., Dias, C. N., & Carvalho, J. M. **Atributos Determinantes da Competitividade dos Destinos de Sol e Praia Brasileiros.** RBTUR, São Paulo, 13 (2), p. 128-143, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1557>. Acesso em: 30 maio 2022.

CRÉDITOS ICONOGRÁFICOS

Figs. 1 à 4: Ocupação 9 de Julho. Créditos: Cedidas pelo Instagram @cozinhaocupação9dejulho. Fonte: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>;

Figura 5: Patrimônio=Nóis (2019). Créditos: Erica Ferrari. Fonte: <https://www.ericaferrari.com/patrim/>;

Figura 6: Fumaça Antifascista. Fonte: <https://www.instagram.com/fumaca.antifascista/>;

Figs 7 e 8: Vista da janela do meu quarto, 2016 e 2020, respectivamente. Fonte: Acervo da autora;

Figura 9: Chaminé da Fabrica União na frente do Atrio Giorn Luzes da Mooca. Fonte: Acervo da autora;

Figs. 10 e 11: Construção no bairro de Pinheiros. Créditos: Rodrigo Bertolotto. Fonte: TAB UOL. <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/02/28/lider-da-demolicao-bairro-mais-antigo-de-sao-paulo-desaparece-da-paisagem.htm>;

Figura 12: Ponte Estaiada completamente vazia em uma terça-feira de 2020. Créditos: Alexandre Suplicy. Fonte: VEJA SP. <https://vejasp.abril.com.br/cidades/fotos-de-sao-paulo-vazia-no-inicio-da-quarentena-viram-exposicao/>;

Figura 13: Vale do Anhangabaú, 2020. Fonte: LabCidade. http://www.labcidade.fau.usp.br/novo-anhangabau-apagamento-e-elitizacao-custando-caro-aos-cofres-publicos/?fbclid=IwAR1AHUAaE5cCh6EU1INrPXbO-8kDRmkwVVMb0TiVhneM_n0ov3i1YN1SoVI;

Figura 14: Vale do Anhangabaú, 2014. Fonte: CAU/RJ. <https://www.caurj.gov.br/sao-paulo-homenageia-rosa-kliass-a-grande-dama-da-arquitetura-paisagistica/>;

Figura 15: Vista aérea do terreno da Ocupação 9 de Julho. Créditos: Edouard Fraipont. Fonte: UOL. <https://mulherias.blogosfera.uol.com.br/2019/08/23/mesa-arte-e-afeto-almoco-na-ocupacao-9-de-julho-da-licao-de-amor-a-sp/>;

Figura 16: Família de Kamila e Odair. Créditos: Reinaldo Canato. Fonte: TAB UOL. https://tab.uol.com.br/edicao/pelas-entranhas/?tutm_source=mkt&fbclid=IwAR2KPP-WivSeH-8uQJhza1fMZCDPe5rQEZG9VwKiDNFErldpfAEkTTYbrlw#cover;

Figura 17: Rogério. Créditos: Reinaldo Canato. Fonte: TAB UOL. https://tab.uol.com.br/edicao/pelas-entranhas/?tutm_source=mkt&fbclid=IwAR2KPP-WivSeH-8uQJhza1fMZCDPe5rQEZG9VwKiDNFErldpfAEkTTYbrlw#cover;

Figura 18: Família de Maxwell e Verônica. Créditos: Wanessa Soares. Fonte: El País Brasil. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-02/pandemia-leva-familias-para-as-ruas-de-sao-paulo-e-acelera-mudanca-de-perfil-da-populacao-sem-teto.html>;

Figs. 19 à 86: Ocupação 9 de Julho. Créditos: Cedidas pelo Instagram @cozinhaocupação9dejulho. Fonte: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>;

Figs. 87 e 88: Lute apenas. Série de Joana Amador e Mariana Lacerda. Exposição coletiva "O que não é floresta é prisão política", Galeria ReOcupa (2020). Fonte: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/joanaamador-marianalacerda-florestas/>;

Figs. 89 e 90: Ocupação 9 de Julho. Créditos: Cedidas pelo Instagram @cozinhaocupação9dejulho. Fonte: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>;

Figs. 91 e 92: Almoço na ocupação 9 de Julho. Fonte: Acervo da autora;

Figs. 93 e 94: Lute apenas. Série de Joana Amador e Mariana Lacerda. Exposição coletiva "O que não é floresta é prisão política", Galeria ReOcupa (2020). Fonte: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/joanaamador-marianalacerda-florestas/>;

Fig. 95: Entrada da Galeria ReOcupa. Fonte: Instagram @galeria_reocupa. https://www.instagram.com/galeria_reocupa/;

Figs. 96 e 97: Cedidas pelo Instagram @cozinhaocupação9dejulho. Fonte: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>;

Figs. 98 e 99: LUTE - Intervenção do grupo Fluxus nas empenas e fachadas da Ocupação 9 de Julho. Fonte: Galeria ReOcupa. <https://www.instagram.com/p/B9rXnpXnaHH/>;

Figs. 100 à 103: Ocupação 9 de Julho. Créditos: Cedidas pelo Instagram @cozinhaocupação9dejulho. Fonte: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>;

Figs. 104 e 105: Programação Memória Paulista, circuito Ocupação 9 de Julho (2019). Créditos: Jornada do Patrimônio. Fonte: DPH - Departamento do Patrimônio Histórico. https://issuu.com/dph_sp/docs/jornada_do_patrim_nio_2019;

Figs. 106 e 107: Ocupação 9 de Julho. Créditos: Cedidas pelo Instagram @cozinhaocupação9dejulho. Fonte: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>;

Fig. 108: Bela Gil e Carmen Silva. Créditos: Cedidas pelo Instagram @cozinhaocupação9dejulho. Fonte: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>;

Figs. 109 e 110: Lute apenas. Série de Joana Amador e Mariana Lacerda. Exposição coletiva "O que não é floresta é prisão política", Galeria ReOcupa (2020). Fonte: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/joanaamador-marianalacerda-florestas/>;

Fig. 111: Vista Geral (2015), Fábio Tremonte. Fonte: https://periscopio.art.br/wp-content/uploads/2020/04/E%C3%A1bio-Tremonte_Portf%C3%B3lio.pdf;

Figs. 112 à 115: Ocupação 9 de Julho. Créditos: Cedidas pelo Instagram @cozinhaocupação9dejulho. Fonte: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>;

Fig 116: 'A História de Vida de Elenita', Grupo de Bordado - trabalho coletivo feito em Arpillera (2019). Fonte: Galeria ReOcupa. <https://www.instagram.com/p/CBrHysnU2Q/>;

Figs. 117 e 118: Lute apenas. Série de Joana Amador e Mariana Lacerda. Exposição coletiva "O que não é floresta é prisão política", Galeria ReOcupa (2020). Fonte: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/joanaamador-marianalacerda-florestas/>;

Figs. 119 e 120: Preta Ferreira e Carmen Silva. Créditos: Cedidas pelo Instagram Ocupacao 9 de Julho. Fonte: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>;

Fig. 121: O que não tem espaço está em todo lugar, Jota Mombaça. Exposição "Quem não luta tá morto – arte democracia utopia" (2018). Créditos: Daniela Paoliello. Fonte: Estúdio Chão. <http://estudiochao.com/Exposicao-Arte-Democracia-Utopia>;

Fig. 122: Ocupação 9 de Julho. Créditos: Cedidas pelo Instagram @cozinhaocupação9dejulho. Fonte: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>;

Fig. 123: Aviso #3 (2021), Ana Teixeira. Créditos: Ana Teixeira. Fonte: <https://www.anateixeira.com/trabalhos/aviso-3/>;

Fig. 122: Parte da equipe da Cozinha Ocupação 9 de Julho. Créditos: Edouard Fraipont. Fonte: Revista Select. <https://www.select.art.br/dia-de-festa/>;

Fig. 123: Logo do projeto Cozinha Ocupação 9 de Julho. Créditos: Cedida pelo Instagram @cozinhaocupação9dejulho. Fonte: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>;

Fig. 124: Edifício 9 de Julho. Créditos: Virgínia de Medeiros. Fonte: <https://virginiademedeiros.com.br/>;

Fig. 125: Preta Ferreira e Carmen Silva. Créditos: Cedida pelo Instagram @cozinhaocupação9dejulho. Fonte: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>;



Fig. 125

USP

ecn

